

Cartas de Guadalupe Ortiz de Landáuzuri
para são Josemaria Escrivá

CARTAS PARA UM SANTO

Guadalupe Ortiz de Landáuzuri

María Del Rincón
María Teresa Escobar

María Del Rincón e María Teresa Escobar

CARTAS PARA UM SANTO

Cartas de Guadalupe Ortiz de Landázuri a S. Josemaria Escrivá

© Copyright 2019 - Gabinete de Informação do Opus Dei - *www.opusdei.org*

Versão 1

ÍNDICE

[Carta ao leitor](#)

[Nota para a edição](#)

[Breve biografia de Guadalupe](#)

[Cronologia da vida de Guadalupe](#)

[I. COM OS PÉS NA TERRA](#)

[II. SEMPRE PERTO](#)

[III. UM CORAÇÃO ENORME](#)

[IV. DESEJOS DE SERVIR](#)

[V. EIS-ME AQUI!](#)

[Epílogo.](#)

[Sobre](#)

CARTA AO LEITOR

Caro leitor,

Quando foi a última vez que recebeu uma carta de um amigo? Talvez esteja mais habituado a ansiar por ler o que caiu na caixa de entrada do seu correio eletrônico ou das redes sociais do que uma carta escrita à mão. Já não precisamos de rasgar um envelope nem de desdobrar uma folha de papel para ler as palavras confiadas de um amigo. Com um simples clique, acedemos às suas confidências convertidas em píxeis. Em papel ou em versão digital, já recebeu alguma vez as palavras de alguém que deixava no texto um pedaço da sua alma?

Estes excertos, extraídos de cartas que Guadalupe Ortiz de Landázuri enviou a S. Josemaria Escrivá de Balaguer, são retalhos da alma de uma mulher que soube encontrar Deus no meio do mundo. Guadalupe abre o seu coração e a alma ao fundador do Opus Dei, ao Padre, como sempre lhe chamou. São cartas escritas por uma pessoa convencida de que o Céu era o seu destino e o mundo o seu caminho.

Quando, em 1944, Guadalupe, professora de Química, conheceu S. Josemaria, descobriu que Deus lhe apresentava um caminho de santidade no meio do mundo, através do trabalho profissional. Poucos meses depois desse encontro, enviou-lhe uma carta com o modo de encabeçar que usaria a partir daí: "Padre". Aquela missiva em que pedia a S. Josemaria para a admitir no Opus Dei foi a primeira das 350 que Guadalupe lhe enviou. Uma correspondência que teve início em 19 de março de 1944 e terminou em 22 de junho de 1975, quatro dias antes do falecimento de S. Josemaria em Roma.

Mais de trezentas cartas, milhares de palavras escritas à mão, letras confiadas a um santo. Guadalupe escreve a S. Josemaria durante mais de trinta anos, sem esperar resposta, porque o que deseja é abrir a sua alma, mostrá-la como ela é, com plena sinceridade e confiança. Estas cartas são uma forma de comunicar algo da sua vida espiritual que, muitas vezes, nasce de um tempo de oração: "Tanto na oração, como nas cartas que lhe escrevo, como quando falo com o Pe. Pedro, esvazio-me de tudo o que me preocupa e sinto-me leve para carregar tudo o que o Senhor puser sobre mim" [\[1\]](#) , confessa Guadalupe numa das que escreve do México. Estas cartas foram escritas com a naturalidade de uma filha que escreve ao seu pai e também com a simplicidade de quem partilhou estas confidências com Deus na oração. Guadalupe deseja a luz e a oração de quem recebeu uma graça de Deus para abrir um novo caminho de santidade no mundo: "Escrevo-lhe, Padre, para que, como sempre, me vá conhecendo a fundo, ajudando e rezando por mim" . [\[2\]](#)

Passaram mais de 40 anos desde a última carta que Guadalupe Ortiz de Landázuri escreveu a Josemaria Escrivá de Balaguer, e só agora podemos ver que estas cartas

guardam em si um tesouro por descobrir. Da nossa posição, já elevada pela passagem do tempo, podemos lê-las com uma perspectiva diferente: são palavras entre santos. A canonização de S. Josemaria em 2002 e a beatificação de Guadalupe confirmam que a luz que Deus confiou a esse sacerdote de Barbastro não é apenas para um pequeno grupo de pessoas, mas para todos os cristãos que vivem nas mais variadas circunstâncias humanas e profissionais.

Guadalupe compreendeu que este caminho de santificação, através da profissão e da vida normal, era a via pela qual Deus a chamava e, por essa razão, as suas cartas são uma grande ajuda para qualquer cristão que procure amar Cristo no meio do mundo. Nestas cartas, Guadalupe revela como ela vive frente a frente com Deus no meio das suas ocupações diárias e, por isso, os fragmentos aqui reunidos podem ajudar a rezar. Lendo o que Guadalupe escreveu pela sua mão, poderá compreender que os santos são seres de carne e osso e, com ela, animar-se a pedir ajuda para o caminho em direção ao Céu.

Caro leitor, partilhamos consigo esta seleção de excertos das cartas de Guadalupe a S. Josemaria, com a esperança de que, como ela, aprendamos a encontrar Deus nas circunstâncias mais comuns da nossa vida quotidiana.

[1] Carta de Guadalupe a S. Josemaria, com data de 29 de junho de 1950, no México. AGP, GOL A-00376. Refere-se ao Pe. Pedro Casciaro. O Pe. Pedro Casciaro foi um dos primeiros membros do Opus Dei. Em 1946, em Madrid, Pedro Casciaro foi ordenado sacerdote e desenvolveu o trabalho apostólico especialmente no México.

[2] Carta de Guadalupe a S. Josemaria datada de 21 de julho de 1962, em Pamplona. AGP, GOL A-00474.

[Voltar ao índice](#)

NOTA PARA A EDIÇÃO

Esta seleção de textos foi elaborada com fragmentos retirados das cartas que Guadalupe enviou a S. Josemaria - que ele guardou na sua documentação pessoal - e que agora se conservam no Arquivo Geral da Prelatura do Opus Dei (a seguir, AGP), na secção de conteúdos relacionados com Guadalupe Ortiz de Landázuri (GOL, segundo a nomenclatura do arquivo, e que corresponde ao acrónimo do seu nome). São cartas escritas com a naturalidade de quem pertence à mesma família, de modo que cada uma delas reflete esse carácter espontâneo de confiança a um pai.

Quando o Papa Francisco autorizou a Congregação para as Causas dos Santos a promulgar o decreto de aprovação do milagre de Guadalupe Ortiz de Landázuri, em junho de 2018, abrindo assim o caminho à sua beatificação, a figura desta mulher adquiriu uma nova luz. Ao receber a notícia, Mons. Fernando Ocáriz, prelado do Opus Dei, afirmou o seguinte:

"A vida de Guadalupe leva-nos a comprovar como a entrega total ao Senhor, respondendo generosamente ao que Deus pede em cada momento, nos faz ser muito felizes aqui na terra e depois no Céu, onde se encontra a felicidade que não acaba.

Peço ao Senhor que o exemplo de Guadalupe nos anime a ser corajosos para enfrentar com entusiasmo e espírito empreendedor as coisas grandes e pequenas de cada dia, para servir a Deus e os outros com amor e alegria" [3].

Ao ler as cartas de Guadalupe, descobrimos que são um testemunho atraente da sua rica vida de piedade e do seu amor a Deus, e por isso embarcámos neste projeto de publicar algumas passagens. Haverá quem investigue a vida de Guadalupe com espírito histórico ou teológico; nós, pelo contrário, quisemos apresentar estes textos como um material que ajude a rezar. Guadalupe escreveu estas cartas a S. Josemaria como forma de mostrar a sua alma com simplicidade, pelo que poderão servir a muitas outras pessoas para pôr a sua própria alma diante de Deus.

Com este objetivo em mente, seleccionámos as passagens das cartas de Guadalupe que nos deixam entrever essa "santidade grande" que, nas palavras de S. Josemaria, "está em cumprir os "pequenos deveres" de cada instante" [4]. Essa santidade grande, encontrou-a Guadalupe no desejo de amar cada dia mais a Deus e os outros, no seu trabalho e em tudo o que era para ela uma confirmação do seu caminho e missão. Os textos foram agrupados em cinco grandes capítulos, que marcam as realidades centrais na vida de Guadalupe e que podem também iluminar a vida do leitor.

Para facilitar a interpretação, explicámos nas notas de rodapé algumas expressões coloquiais que podem não ser bem compreendidas no contexto do leitor contemporâneo. Do mesmo modo, foram adicionados alguns dados entre parênteses,

como, por exemplo, os apelidos de algumas pessoas mencionadas nas cartas ou informação contextual necessária. Também se incluiu nas notas a explicação de alguns termos, em geral, referentes à vida espiritual e aos costumes da época, que Guadalupe utilizava no seu contexto histórico e cultural, e que podem obscurecer o significado daquilo que estas realidades pretendiam expressar. Para evitar entorpecer o ritmo ágil das cartas, todas as anotações - bem como a referência aos números de registo do AGP - serão apresentadas no final do texto.

Para o leitor que deseje conhecer mais sobre a vida de Guadalupe Ortiz de Landázuri e situar o contexto de cada carta, apresentamos a seguir uma biografia breve e uma cronologia de alguns dos momentos mais significativos da sua vida.

[3] Palavras de Mons. Fernando Ocáriz publicadas no dia 9 de junho de 2018 em: <https://opusdei.org/pt-pt/article/papa-aprova-milagre-beatificacao-guadalupe-ortiz-de-landazuri/>

[4] S. Josemaria, Caminho, n. 817.

[Voltar ao índice](#)

BREVE BIOGRAFIA DE GUADALUPE

Guadalupe Ortiz de Landázuri Fernández de Heredia nasceu em Madrid, no dia 12 de dezembro de 1916. Era a quarta e última filha de Manuel e Eulogia, que nesse mesmo ano tinham sofrido a perda do seu filho mais novo.

Quando tinha onze anos, o seu pai, oficial do Exército, foi destacado para Tetuán. Foi nessa cidade que Guadalupe começou o liceu. Era a única rapariga da turma e logo se destacou entre os seus colegas, não só pelas notas, mas também pela sua ousadia e liderança. Nessa época, teve febre reumática. Embora, na altura, parecesse que se tinha curado, este episódio iria causar-lhe, muitos anos depois, uma descompensação e insuficiência cardíaca.

Em 1932, a família regressou a Madrid. Guadalupe terminou os seus estudos no ano seguinte e começou o curso de Química. Havia apenas cinco raparigas matriculadas no primeiro ano. Naquela época, poucas mulheres tiravam um curso superior e muito menos o exerciam depois de casar. Gostava das Ciências e estava entre os seus projetos exercer a sua profissão e formar uma família. Teve um namorado, mas não tinha muita pressa para casar.

A Guerra Civil interrompeu os seus estudos. A família viveu o momento mais doloroso quando o seu pai, então tenente-coronel do Exército, foi julgado e condenado à morte. Apesar de o seu irmão Eduardo ter conseguido obter um indulto, Manuel recusou-se a livrar-se da sentença enquanto os seus subordinados eram fuzilados. Guadalupe, a mãe e o irmão passaram com ele a última noite, com dor e serenidade. Foi tal o seu exemplo que, mais tarde, diria: "Devo-lhe a minha vocação". Pouco depois, mãe e filha deixaram Espanha para reentrar pela zona nacional e instalaram-se em Valladolid.

No fim da guerra, e já a trabalhar como professora em dois colégios de Madrid, Guadalupe sentiu que devia aproximar-se mais de Deus, depois de um dia assistir à Santa Missa. Ao sair, confiou a um amigo a necessidade de encontrar um bom sacerdote e este recomendou-lhe o Pe. Josemaria Escrivá. Guadalupe conheceu o fundador do Opus Dei no dia 25 de janeiro de 1944, quando tinha 27 anos. Essa conversa marcou-a, como diria anos mais tarde: "Caíram-me as escamas dos olhos". Pouco depois, fez um retiro e aí descobriu a sua vocação para o Opus Dei. No dia 19 de março, pediu a admissão como numerária [5].

Guadalupe foi viver para o primeiro centro feminino do Opus Dei e dedicou-se em cheio ao trabalho de administração doméstica de diversas residências e colégios maiores de Madrid e Bilbao (La Moncloa, Abando), apesar de não ser muito habilidosa nestas tarefas. Possuía uma sensibilidade especial por melhorar as condições de vida das empregadas domésticas que trabalhavam com ela e procurou garantir que adquirissem

uma formação cultural, humana e profissional. Estava "plenamente integrada e feliz na Obra", como contou nas suas cartas ao Fundador e o seu amor a Deus crescia cada dia mais e mais.

Em 1947, regressou novamente à capital para assumir a direção da Residência Universitária Zurbarán. Conciliava este trabalho com as tarefas de governo da Obra, mas nunca deixou de se interessar pela Química, que estudava sempre que podia, sabendo - como tinha aprendido com S. Josemaria - que tinha de servir a Deus no meio do mundo, fazendo render os seus talentos. Entre 1947 e 1948, fez as quatro monografias necessárias para o doutoramento.

Um ano mais tarde, S. Josemaria pediu-lhe que fosse, juntamente com outras duas mulheres da Obra, para o México, a fim de iniciar ali o trabalho apostólico do Opus Dei. Quando chegou, já em 1950, matriculou-se numa cadeira do doutoramento em Química. Guadalupe viveu no México apenas seis anos, mas deixou uma marca profunda pela sua capacidade de trabalho, entrega e carinho. Nesse espaço de tempo, abriram a primeira residência de estudantes na Cidade do México, também frequentada por mulheres de prestígio, como a poetisa Ernestina de Champourcín, a única representante feminina da Geração de 27; ampliaram o trabalho apostólico com outras jovens não universitárias e mulheres casadas, expandiram-se para Culiacán e Monterrey, cuidaram da formação humana, profissional e cristã das mulheres rurais e, a pedido do bispo de Tacámbaro, fundaram Montefalco, a primeira casa de retiros do Opus Dei no México, que pouco depois se ampliou com uma escola primária e secundária para raparigas, uma sala de formação em corte e costura e uma residência.

Em outubro de 1956, os primeiros sintomas de um problema cardíaco começaram a aparecer, depois de sofrer uma picada de inseto que lhe provocou febres e paludismo. Foi então viver para Roma para trabalhar no governo central da Obra, perto de S. Josemaria, e em dezembro, teve uma crise cardíaca grave. Guadalupe foi levada para Madrid e, no dia 19 de julho de 1957, submetida a uma cirurgia de estenose mitral. Parecia estar a recuperar bem e regressou a Roma, mas, em 29 de dezembro, sofreu uma nova e grave manifestação de insuficiência cardíaca.

Acabou por se instalar em Madrid. Apesar do delicado estado de saúde, a sua atividade estava longe de ser a de uma mulher doente. Continuou a conciliar as tarefas de direção e formação das pessoas do Opus Dei com o estudo da Química. Conheceu Piedad de la Cierva, a primeira mulher a trabalhar no Conselho Superior de Investigações Científicas (CSIC). Com ela, iniciou uma investigação sobre refratários isolantes que foi patenteada e recebeu o Prémio Juan de la Cierva. E elaborou a sua tese de doutoramento sobre "Refratários isolantes em cinzas de casca de arroz", que defendeu em 1965, sendo aprovada com distinção e louvor.

Alguns anos antes, tinha começado a dar aulas de Física no Instituto Ramiro de Maeztu e de Física, Química e Matemática na Escola Feminina de Técnica Industrial, como professora auxiliar de Ciências. Em 1967, obteve o cargo de Professora Titular. Ao todo, esteve 11 anos neste centro, onde era muito apreciada pelas alunas, e chegou a ser subdiretora, depois de renunciar, por motivos de saúde, ao cargo de diretora que lhe foi proposto. Em 1968, participou no planeamento e criação do Centro de Estudos e Investigação em Ciências Domésticas (CEICID), onde foi também subdiretora e professora de Química Têxtil.

Trabalhou até pouco antes de morrer. No dia 1 de junho de 1975, foi internada na Clínica Universitária de Navarra para uma possível intervenção cirúrgica. Um mês depois, os médicos decidiram operar. A cirurgia foi satisfatória, mas, duas semanas depois, acusou uma insuficiência respiratória, que piorou gradualmente apesar da assistência médica. Morreu no dia 16 de julho, festa de Nossa Senhora do Carmo, entregando a sua vida a Deus com a disponibilidade, serenidade e confiança que sempre a caracterizaram.

[5] Chamam-se numerárias (ou numerários) aqueles fiéis que, vivendo o celibato apostólico, têm total disponibilidade pessoal para os trabalhos apostólicos peculiares da Prelatura, e também para se ocupar da formação dos outros membros do Opus Dei; geralmente residem na sede dos Centros da Prelatura.

[Voltar ao índice](#)

CRONOLOGIA DA VIDA DE GUADALUPE

1916

12 de dezembro. Guadalupe nasce em Madrid. É a terceira filha de Manuel Ortiz de Landázuri e Eulogia Fernández de Heredia.

24 de dezembro. Data do seu batismo na Igreja Paroquial de Santo Ildefonso.
Nesse mesmo ano, seu irmão Francisco de Assis, de três anos, morre.

1923

31 de agosto. O pai é destinado à Academia de Artilharia de Segóvia, como professor e a sua família muda-se para lá com ele. Guadalupe estuda no Colégio La Emulación.

1924

18 de maio. Festa da Ascensão do Senhor. Guadalupe faz a Primeira Comunhão, em Segóvia.

1927

Manuel Ortiz de Landázuri é destacado para o Quartel do Chefe General do Exército Espanhol em África, razão pela qual toda a família se desloca para Tetuán. Guadalupe começa o terceiro ciclo do ensino básico, no colégio marianista de Nossa Senhora do Pilar e é a única rapariga da turma.

1928

Aos doze anos, adoece de febre reumática, episódio que terá como sequela uma endocardite bacteriana. Embora, na altura, parecesse que se tinha curado, esta doença viria a causar-lhe descompensação e insuficiência cardíacas, muitos anos depois.

1932

O pai é destacado para o Ministério do Exército, em Madrid, e promovido a Tenente-Coronel. Guadalupe continua os seus estudos secundários no Instituto Miguel de Cervantes, em Madrid.

1933

Termina o ensino secundário e, em outubro, começa a licenciatura em Química, na então Universidade Central. No primeiro ano de Química, há apenas cinco raparigas inscritas.

1936

Guadalupe tem vinte anos e tem um namorado: Carlos, um rapaz catalão, também estudante de Química. Embora tenha planos de contrair matrimónio, não tem pressa de casar.

18 de julho. Rebenta a Guerra Civil Espanhola e é obrigada a interromper o curso, que estava a estudar de forma brilhante.

8 de setembro. O pai de Guadalupe, com 55 anos, é fuzilado na Prisão Modelo de Madrid. O seu filho Eduardo, depois de inúmeros contactos, tinha-lhe conseguido um indulto, mas não para os seus subordinados. Manuel Ortiz de Landázuri recusa-se a ser salvo, sendo os outros fuzilados. Guadalupe passa a noite a acompanhá-lo, com a mãe e o irmão.

Antes do fim do ano de 1936, Guadalupe e a sua mãe saem de Espanha para voltar a entrar pela zona nacional e instalam-se em Valladolid.

1940

Junho. Termina a licenciatura e começa a trabalhar no colégio das Irlandesas e no Liceu Francês.

1944

Depois de participar numa missa em que se sente especialmente próxima de Deus, Guadalupe encontra um amigo a quem confidencia a necessidade de falar com um sacerdote. Este dá-lhe o número de telefone de Josemaria Escrivá. Guadalupe liga ao fundador do Opus Dei e no dia 25 de janeiro fala com ele pela primeira vez frente a frente, num centro da rua Jorge Manrique. Dirá, anos mais tarde, que nesse dia, "me caíram as escamas dos olhos."

12-17 de março. Faz um retiro espiritual.

19 de março. Pede a admissão no Opus Dei como numerária.

1945

18 de maio. Vai morar para a administração da residência La Moncloa.

15 de setembro. Muda-se para Bilbao, para o centro da administração da residência de estudantes Abando, que acaba de ser inaugurada.

1947

15 de setembro. Guadalupe regressa a Madrid para ser a primeira diretora da residência universitária Zurbarán. Concilia esse trabalho com um cargo na Assessoria, o governo central do Opus Dei.

Outubro. Matricula-se em cinco cadeiras do doutoramento em Química. Durante esse ano e o seguinte, realiza as quatro monografias de que precisava.

1950

5 de março. Guadalupe faz a viagem para o México para ali começar o trabalho apostólico das mulheres da Obra. Será a Secretária da Assessoria Regional desse país. Depois de chegar, Guadalupe matricula-se numa cadeira do doutoramento em Química.

1 de abril. Inauguração de Copenhague, a primeira residência de universitárias no México.

1951

O trabalho apostólico da Obra expande-se para além da Cidade do México, em Culiacán e Monterrey. Guadalupe começa a trabalhar com mulheres do meio rural, a pedido do bispo de Tacámbaro. Em Copenhague, começam a receber aulas do primeiro ciclo do ensino básico e Guadalupe ajuda-as a obter o reconhecimento, primeiro privado e depois público, desses estudos.

1952-1956

É picada por um inseto e fica gravemente doente com febres e paludismo. Esta doença mina o seu estado de saúde; não obstante, Guadalupe não reduz a sua intensa atividade. Encontram a fazenda Montefalco e começam as obras de reconstrução para iniciar uma escola primária e secundária para mulheres rurais.

1956

Outubro. Primeiros sintomas de doença cardíaca.

24 de outubro. É nomeada Vice-Secretária da Assessoria do governo central do Opus Dei, em Roma, e muda-se para lá.

Dezembro. No fim do mês, tem outra crise cardíaca grave.

1957

19 de maio. Viaja para Madrid para receber assistência médica.

19 de julho. É submetida a cirurgia a uma estenose mitral na Clínica de la Concepción de Madrid. Parece estar a recuperar bem.

10 de outubro. Regressa a Roma.

29 de dezembro. Sofre nova e grave manifestação de insuficiência cardíaca.

1958

12 de maio. Vai a Madrid para um check-up médico. S. Josemaria, preocupado com a sua saúde e consciente de que o clima romano é prejudicial para a sua condição, propõe que fique a viver em Espanha.

1960

Conhece Piedad de la Cierva, química, a primeira mulher a trabalhar no Conselho Superior de Investigações Científicas (CSIC), com quem inicia uma investigação sobre refratários isolantes. O estudo é considerado excelente e patenteado. Candidata-se ao Prémio Juan de la Cierva e ganha. Começa a redação da tese de doutoramento.

1962-64

Concilia o seu cargo com o de professora de Física no Instituto Ramiro de Maeztu, em Madrid.

1964

1 de outubro. Começa a dar aulas de Física, Química e Matemática na Escola Feminina de Técnica Industrial, como professora auxiliar de Ciências.

1965

8 de junho. Defende a tese de doutoramento em Química com o tema "Refratários isolantes em cinzas de casca de arroz". É classificada com "Aprovada com distinção e louvor".

1967

29 de novembro. Guadalupe candidata-se e obtém o título de Professora Titular de Ciências na Escola Feminina de Técnica Industrial.

1968

Participa no planeamento e implementação do Centro de Estudos e Investigação em Ciências Domésticas (CEICID), do qual será subdiretora e professora de Química Têxtil.

1974

É nomeada subdiretora da Escola Feminina de Técnica Industrial. Declina ser diretora por razões de saúde.

1975

1 de junho. Vai a Pamplona e fica internada na Clínica Universitária para uma possível intervenção cirúrgica.

1 de julho. É operada e levada para a Unidade de Cuidados Intensivos. A cirurgia parece ter corrido bem.

14 de julho. Às 4h30m da manhã, acusa uma insuficiência respiratória, que se agrava paulatinamente apesar dos cuidados médicos. À tarde, recebe a Unção dos Enfermos e é transferida para a Unidade Coronária. Entra numa agonia de 48 horas.

16 de julho. Morre às 6h30m da manhã. É dia da festa de Nossa Senhora do Carmo.

[Voltar ao índice](#)

I. COM OS PÉS NA TERRA

A santidade da vida comum

Madrid, junho de 1949. Guadalupe dirige a residência universitária Zurbarán, um dos poucos centros residenciais existentes para as estudantes de ensino superior do país: menos de 7 000. A sustentabilidade económica é uma preocupação num momento marcado pela escassez de alimentos. Mas Guadalupe ultrapassa as dificuldades e, além de estudar o modo de resolver a questão económica, sonha com ampliar as vagas da residência e formar melhor as universitárias que moram em Zurbarán. Estes e outros assuntos, tão humanos, transformam-se no tema da sua conversa com Deus, e assim continuará a ser durante toda a sua vida, em qualquer circunstância em que se encontre. Guadalupe era uma mulher comum, uma santa da porta ao lado[6], que aprendeu a viver com os pés bem na terra e com o olhar sempre voltado para o céu, convertendo cada aspeto da sua vida em matéria de santidade.

Bilbao, 29 de outubro de 1945[7]

Padre,

Quem me dera poder contar-lhe alguma coisa boa, mas como sempre, é tão pouco, que deixo para o fim. Já sabe como é difícil para mim ser ordenada, não só nas minhas coisas pessoais, mas também nas tarefas que me competem. Como a Nisa sabe disto, quer ensinar-me a ter cada coisa no seu lugar e arruma-me os armários, etc. Tento conservá-los assim e prestar muita atenção para não dar cabo das coisas, mas apesar de tudo, fiz alguns estragos, como sujar um pouco a escrivadinha e arrancar uma das bolas da cama; além disso, costumo esquecer-me de onde ponho as chaves e com isso faço perder o tempo às outras. Fiz muitas destas, mas não desanimo e acredito que, se o Senhor me ajudar (peça-Lhe isso), vou conseguir corrigir-me.

Às tarefas que me confiam, dou uma atenção tão grande (mais do que antes) que receio que me entre um pouco de amor-próprio[8], porque quando alguma coisa não corre bem, fico muito triste. Nestes dias, deixei algumas vezes de fazer a leitura[9], não sei se por falta de tempo ou por má organização. Sinto muito o Senhor ao meu lado que, acima de tudo, me ajuda muito a obedecer, fazendo com que tudo o que me mandam me seja fácil e agradável. Na oração, o tempo passa muito depressa e embora, na verdade, diga poucas coisas, não estou distraída e sinto que estou perto d'Ele. Gostava que o Senhor ficasse contente e não pensar senão n'Ele, mas durante o dia, passo muitos períodos de tempo sem Lhe dizer nada. Falta pouco para vir morar connosco no Sacrário? No outro dia, disseram-nos que sim, não pode imaginar o que eu senti, mesmo

que não me dê conta exatamente do que se trata, porque seria para ficarmos loucos. Estou sempre muito contente e cada dia gosto mais da Obra.

Bilbao, 11 de Novembro de 1946[10]

Padre,

Tudo o que me preocupa, conto-lho e fico mais tranquila. [...] Passo o dia inteiro a pedir pelo que me parece mais urgente e dá-me a sensação de que o Senhor me ouve. Estou contente e quando me parece que tudo fica negro, não desanimo e, efetivamente, daí a pouco, já se veem as coisas de outra maneira.

Este ano, todos os dias são diferentes, e de grande importância, [...] entre o andamento da casa (com as dificuldades de mantimentos) e as minhas irmãs[11] que ainda não estão totalmente integradas, nem habituadas à casa. [...] Todas estas pequenas coisas não são nada, comparadas com as suas preocupações, e como, apesar de tudo, o Padre está sempre calmo e contente, procuro fazer o mesmo para o ajudar. Além disso, noto que, graças a estas cruces, vou tendo mais presença de Deus e, dia a dia, penso menos em mim própria. Isto dá-me muita alegria. Só no oratório, vejo com muita clareza os meus defeitos grandes, grandes, humilho-me e não volto a preocupar-me. Às vezes, penso que devia sentir mais remorsos, mas não os tenho; nem mesmo o pensar em faltas anteriores me preocupa.

Madrid, 7 de junho de 1949[12]

Padre,

[...] Até agora, todas (as residentes) vão indo muito bem. Tenho a certeza de que será um grupo de raparigas muito bom e, no próximo ano, poderemos trabalhar a sério com elas. Zurbarán[13] ainda está cheia de raparigas. Acho que a maior parte só acaba no dia 20. [...]

Padre, gostaria de me multiplicar e que pudessem estar sossegados com isto tudo. Peço a Deus por isso e faço o que posso. [...] Gostávamos também de ampliar um pouco a Residência para o próximo ano letivo, se nos alugarem um andar da casa de Cobián. Seria maravilhoso. Já veremos, porque, neste ano, ainda não conseguimos defender-nos economicamente, apesar de agora termos pedido algum dinheiro a pessoas que nos querem bem. [...] Mas é preciso render em vez de custar.

Tudo isto que lhe conto enche a minha vida, a minha oração e tudo. Além disso, gosto de meter o meu coração em todos estes problemas e oferecer a Deus, ao mesmo tempo, coisas muito humanas e outras muito divinas. Não é esse o nosso Caminho? Com

os pés na terra, mas a olhar sempre (a cada momento) para o Céu, para ver então mais claramente o que acontece ao nosso lado.

Camuñas (Toledo), 2 de outubro de 1949[14]

Padre,

Escrevo-lhe da aldeia da Florentina (em Toledo), onde vim com ela para conseguir azeite e farinha. Vamos ver se no-los dão. Seria ótimo para que a média[15] se conserve baixa durante todo o ano. Estamos a rezar muito por isso e pomos humanamente todos os meios. Na oração, dizia eu ao Senhor que precisávamos de azeite e caridade entre nós, farinha e mais amor de Deus. Peça também por isso. [...]

Cidade do México, 18 de dezembro de 1950[16]

Padre,

Nestes dias, também penso muito no Papa[17]; todos os jornais falam da guerra[18], do que dizem os grandes políticos do mundo, e eu recordo o Salmo II e rezo por eles. Mas que pena que nenhum deles fale sobre o que o Papa está a dizer neste momento. Mas aqui nos tem, não é verdade? Com o Padre, atrás dele; por isso, fico contente por saber que está de novo em Roma.

Reze um pouco por mim, para que eu saiba unir o Natal e o carinho pelas minhas irmãs (que aqui são muito mais sensíveis), à fortaleza e à determinação. Porque às vezes vou longe demais, num sentido ou noutro, e por nada gostaria de deixar de as ajudar até ao máximo limite.

Cidade do México, 15 de março de 1951[19]

Padre,

[...] Agora, já sabe o que há de contar ao Senhor sobre tudo isto e sobre mim. Acho que vai reservar um bocadinho para mim. Porque sabe muito bem o que esta casa encerra: apostolado com as residentes e as jovens que vêm, formação das nossas, exemplo. Ordem e organização da casa. Problemas económicos. [...] E tudo isto, conhecendo-me como me conhece, não é verdade que é demais para mim? Mas não estou desanimada nem assustada, só lhe peço uma oração para que nunca, em nada, por maior ou mais pequeno que seja, deixe de fazer o que Deus quer.

Cidade do México, 3 de julho de 1953[20]

Padre,

O Senhor já está cá em casa desde ontem. O Pe. Pedro[21] veio celebrar a Missa e deixou-O. Esta noite, a primeira que passou aqui, como era a primeira sexta-feira, tivemos velada[22]. Estou muito contente. Agora, tudo vai correr melhor, não acha? [...]

Pessoalmente, tenho sido bastante desordenada nas normas[23], mas agora com a casa mais organizada, fiz propósitos para não me acontecer outra vez. [...]

Cidade do México, 24 de abril de 1955[24]

Padre,

Tenho querido escrever-lhe desde que acabei o retiro. Foi nos dias 10, 11, 12, 13 e 14 de abril, em Montefalco. [...] Acho que aproveitei o tempo, fiz uma confissão a fundo, do ano, e tirei alguns propósitos que, com a ajuda de Deus e a sua, quero cumprir. Pus-me na presença do Senhor, tal como eu me vejo e tal como eu vejo que vão as coisas, e pedi ajuda a Deus para encontrar os erros. Se eu lhe dissesse que tive consolos espirituais sensíveis, não lhe diria a verdade; mas posso assegurar-lhe que, sem altos nem baixos, encontro a Deus, quase constantemente, em tudo, com muita naturalidade. Acho que sou muito descontraída. Essa segurança de Deus no meu caminho, junto de mim, dá-me ânimo em tudo, torna-me fáceis as coisas que dantes eu não gostava de fazer, de tal modo que as faço sem pensar nisso.

Padre, tenho uma preocupação: será que este caminho é o do Céu? Acho-o demasiado cómodo, porque não tenho problemas pessoais quase nunca. Só o ver a falta de entrega nas outras, etc., é que me faz sofrer; e mesmo isso, sem perder a paz.

O propósito fundamental do retiro é deixar que governem as outras. Ir-me anulando, pouco a pouco, para que elas possam assumir a responsabilidade. Já mandei bastante, não acha? [...]

Sanatório de la Concepción (Madrid), 25 de julho de 1957[25]

Padre,

O pior já passou e, graças a Deus e à ajuda de todos, estou muito bem[26]. Foi uma semana de muita dor física, mas muito conforto moral. Senti o carinho, o ânimo e a união consigo, com as minhas irmãs e com tudo em Casa[27], como nunca; e mais uma vez lho agradeço. Não merecia tanto. As suas cartas e as cartas de Encarnita[28] e de todas foram o melhor de tudo.

Tentei portar-me bem e ser corajosa. A presença de Deus faz maravilhas. Como se nota! Quero voltar depressa e servir.

Madrid, 4 de junho de 1958[29]

Padre,

Estava à espera para lhe escrever depois de saber o que dizem os médicos, mas como eles estão atrasados, não espero mais por eles. Fizeram-me um estudo aprofundado, mas ainda não disseram nada sobre o diagnóstico ou sobre o plano que acham que devo fazer. Eu, cada dia estou melhor e noto que o meu coração está forte outra vez, para continuar a trabalhar ativamente, apesar de, como sabe, estar disposta, se o Senhor quiser, a trabalhar, como sempre, de qualquer forma, onde e como me disserem.

O meu irmão Eduardo[30] vai chegar a Madrid nestes dias e também vai falar com os médicos. Vem de passagem para Pamplona com grande emoção, a mesma de Laurita, a mulher dele, que também é sua filha. A minha mãe também está muito contente por eles irem para Pamplona. Reze por eles para que sejam eficazes e cada dia melhores, eles e os filhos, que são sete.

Estou a morar num apartamento da rua Velázquez que acaba de ser instalado para atender de forma independente o trabalho de São Gabriel[31]. Porque em Montelar[32] não damos vazão. Como tudo cresce! A primeira Missa foi celebrada pelo Pe. Álvaro e, nesse mesmo dia, deixou-nos o Senhor no Sacrário; antes disso, pregou-nos a meditação. Falou-nos de Roma e parecia que estávamos ali junto do Padre, como na verdade estamos sempre, e queremos estar cada vez mais, apesar de, como agora, estarmos longe.

[6] Cfr. Papa Francisco, *Gaudete et Exsultate*, n. 7.

[7] AGP, GOL A-00003.

[8] A expressão “amor-próprio” é usada por Guadalupe no seu sentido negativo, equivalente a vaidade, orgulho, ser uma convencida (NT).

[9] A leitura do Evangelho e de algum livro espiritual é uma das práticas de piedade que compõem o plano de vida espiritual recomendado por S. Josemaria para conseguir a relação contínua com Deus nas circunstâncias da vida quotidiana. Cfr. “Leitura Espiritual”, por José Manuel MARTÍN, em *Diccionario de san Josemaría Escrivá de Balaguer*, Monte Carmelo, 2013.

[10] AGP, GOL A-00331.

[11] No contexto desta carta, refere-se a outras mulheres, fiéis do Opus Dei. Uma característica da fisionomia do Opus Dei é o ambiente de família cristã. Por isso, Guadalupe refere-se à sua relação com outras pessoas da Obra com essa expressão própria das famílias.

[12] AGP, GOL A-00355.

[13] Zurbarán é a primeira residência universitária feminina promovida por S. Josemaria. Iniciou a sua atividade em 1947.

[14] AGP, GOL A-00360.

[15] Refere-se ao gasto médio do orçamento da cozinha.

[16] AGP, GOL A-00382.

[17] Refere-se ao Papa Pio XII.

[18] Refere-se aqui à Guerra Fria.

[19] AGP, GOL A-00024.

[20] AGP, GOL A-00430.

[21] Cfr. nota 1.

[22] Exposição do Santíssimo Sacramento (NT).

[23] Refere-se às normas de piedade do plano de vida: as práticas de piedade, próprias da vida cristã, que os membros do Opus Dei procuram viver para, em palavras do fundador do Opus Dei, “procurar Deus, encontrá-Lo e relacionar-se com Ele sempre”. Este plano de vida, traçado por S. Josemaria, inclui, entre outras coisas, o terço e a meditação pessoal, e também ações de graças a Deus ou jaculatórias a Nossa Senhora. Cfr. “Plano de vida”, por Elena ÁLVAREZ no Diccionario de san Josemaría Escrivá de Balaguer, Monte Carmelo, 2013.

[24] AGP, GOL A-00027.

[25] AGP, GOL A-00030.

[26] Refere-se à cirurgia da estenose mitral a que foi submetida no dia 19 de julho.

[27] Com “tudo em Casa”, refere-se a tudo o que é relacionado com a Obra. Nesse mesmo contexto do ambiente familiar que caracteriza o espírito do Opus Dei, explicado na nota 8, compreende-se esta expressão.

[28] Refere-se a Encarnita Ortega, que neste ano trabalhava no governo do Opus Dei em Roma. Encarnita Ortega nasceu em 1920, na Galiza (Espanha). Aos 20 anos conheceu S. Josemaria e descobriu a sua vocação ao Opus Dei. Colocou os seus talentos profissionais e humanos ao serviço de Deus. Trabalhou vários anos no governo do Opus Dei em Roma, com o fundador. Quando voltou a Espanha, dirigiu iniciativas de formação para a mulher e colaborou em atividades de moda e cultura. Faleceu em Pamplona, em 1995, com fama de santidade.

[29] AGP, GOL A-00454.

[30] Eduardo Ortiz de Landázuri nasceu em Segóvia, no dia 31 de outubro de 1910. Estudou Medicina em Madrid. No dia 17 de junho de 1941, casou com Laurita Busca Otaegui. Em setembro de 1958, incorporou-se na nascente Faculdade de Medicina da Universidade de Navarra, em cuja Faculdade e Clínica Universitária exerceu a sua atividade profissional até ao dia em que se aposentou. Eduardo esforçou-se por cuidar os seus deveres familiares e também procurar Deus através do seu trabalho como médico e professor universitário. Faleceu com fama de santidade, em 1985. A causa de canonização de Eduardo começou no dia 11 de dezembro de 1998 e a de sua esposa Laurita no dia 14 de junho de 2013.

[31] Chama-se Obra de São Gabriel ao trabalho formativo e apostólico da Prelatura do Opus Dei que se realiza com casais e pessoas com trabalho profissional.

[32] Montelar, centro do Opus Dei em Madrid, onde, na época, funcionava uma Escola de Artes Domésticas.

[Voltar ao índice](#)

II. SEMPRE PERTO

Apaixonada por Deus

Como é que alguém se torna santo? Guadalupe compreendeu que, no fundo, não se trata de ser perfeito, mas de viver apaixonado. E por isso, cada pequena delicadeza de amor era uma ocasião de diálogo com Jesus Cristo e cada erro, um meio para pedir perdão e prova da enorme ternura com que Deus olha para cada pessoa. S. Josemaria dizia que "o santo não é aquele que não cai, mas aquele que se levanta sempre",^[33] e essa convicção levou Guadalupe a descansar sempre nas mãos de Deus.

Bilbao, 25 de setembro de 1945^[34]

Padre,

Vou tentar dizer-lhe tudo o que sinto nestes dias, e como o que é mau é o que mais me custa, vou contá-lo primeiro. No outro dia, tive uma tentação de que tive muita pena, embora ache que não consenti. Pensei: "Porque não hei de ser eu a dignior^[35] em vez da Carmen^[36]? Quando dei conta, veio-me um pouco de tristeza, mas contei aquilo à Nisa^[37] e fiquei muito contente. Reze muito por mim para eu ser humilde. Também disse à Nisa na confidência^[38] que, nos últimos dias que passei em Madrid, tive anginas, (aconteceu-me algumas vezes) e, como me parecia que era normal, não disse nada para ela não se preocupar, mas achei que lhe devia ter contado. Como quase nunca me dói nada, quase agradeço ao Senhor esse pequeno mal-estar para Lhe poder oferecer alguma coisa e parece-me que, sem ninguém dar por ela, Ele vai gostar mais. Mas se me acontecer outra vez, vou dizer. Estou muito contente aqui; em alguns dias, sinto muito a presença de Deus (não sei como dizê-lo), às vezes penso que, para não me tirar nenhum gosto, o Senhor [...] quis trazer-me para uma casa nova que lhe estou a preparar e virá, muito em breve, morar comigo. Apesar de todas estas coisas, em muitos dias, adormeço na oração e, em geral, distraio-me muito. Procuro obedecer sempre e estar atenta a tudo (às vezes, o amor-próprio^[39] aparece). Para que estas coisas não tenham mérito nenhum, quando alguma coisa corre mal, a minha reação é desculpar-me, embora me cale, às vezes. Recebi uma carta da minha mãe; apesar de, a princípio, ter tido pena de eu sair de Madrid, está conformada. Lembre-se dela alguma vez e do meu irmão que tanto precisa.

Bilbao, 12 de dezembro de 1945^[40]

Padre,

Hoje, é o dia do meu onomástico[41]. [...] Sou muito feliz e estou muito contente. O Pe. Álvaro [42] pergunta-me muitas vezes se, de facto, estou contente e estou, mais do que nunca na minha vida. Embora veja que faço tudo com muitos defeitos (vaidade e amor-próprio, sobretudo), noto que o Senhor me ajuda tanto que tenho a certeza de que se Ele se empenhar nisso, vou chegar a agradar-Lhe, a sério. Hoje, rezei muito pelo Padre, com toda a minha alma, e depois por mim. Penso que não é egoísmo, porque, se o Senhor me ajudar a ser melhor (a ter mais espírito de sacrifício, a ser mais humilde, etc...), há de conceder-me todas as outras coisas que sabe que eu quero: as vocações, o bom andamento dos problemas da Obra, etc., e as necessidades da minha mãe e dos meus irmãos (especialmente que sejam bons).

[...] Já temos o Senhor[43] em casa. Como se nota a diferença! Além disso, está tão perto do meu quarto que forçosamente tenho de pensar n'Ele constantemente. Em cada dia, quero mostrar-Lhe melhor o que sinto por Ele e como Lhe agradeço o quanto Ele me ama.

Bilbao, 12 de janeiro de 1946[44]

Padre,

Todas as noites, quando faço o exame [de consciência], vejo que não fiz alguma coisa do plano de vida[45]: nalguns dias, não fiz a leitura, noutros faltou-me um Terço[46] ou rezei-os sem reparar no que estava a fazer, ou fiz menos tempo de oração [...]. Agora que lhe estou a escrever, tenho muita pena de que isso me aconteça, porque, como o Padre bem sabe, isto não é mais do que falta da presença de Deus e muita desordem. No entanto, luto e esforço-me (asseguro-lhe) e gostava de que pudessem ter confiança em mim e que o Senhor ficasse contente. E, às vezes, até penso que fica mesmo e me desculpa, porque vejo quanto me ajuda, apesar de tudo.

O Padre não pense que por causa disto não estou contente; estou e muito. Gosto de tudo o que tenho de fazer e tento dar o meu melhor, (também tenho muito amor-próprio e tento que não se manifeste, mas nem sempre consigo). [...]

Agora sou responsável pelo oratório, e nem imagina como me dá alegria. Temos um Menino[47] tão lindo!, e sinto-me tão perto do Sacrário... No outro dia, sem me aperceber, dei-lhe um beijo. Será falta de respeito?

Bilbao, 1 de abril de 1946[48]

Padre,

[...] sobre mim, tenho pouco para lhe contar, como disse ao Pe. José Maria[49]; a casa e as minhas irmãs enchem-me tanto que nem sequer me lembro das minhas pequenas preocupações.

A oração é um pedir e pensar sobre os pequenos problemas do dia, tão continuamente que, às vezes, penso que devo aborrecer o Senhor, mas tenho a certeza de que Ele me compreende. Noto tanto a Sua ajuda! Sobretudo, na confiança das minhas irmãs e no círculo[50], às vezes, oiço-me a dizer coisas que não sei como me vieram à ideia. Também contei ao Pe. José Maria que é muito difícil para mim procurar sacrifícios. Dantes, na própria comida, podia fazê-los, agora não. Tenho muito apetite, mas tanto me faz comer uma coisa como outra, mais ou menos, quente ou fria. Não sei como explicar, mas acontece. Em geral, nada me custa; o Senhor continua a levar-me com papinhas de bebé, como o Padre me dizia. Quero agradecer-Lhe de todo o coração e estou disposta a guardar estas graças de agora armazenadas, para o caso de um dia Ele querer que tudo me custe muito, para poder continuar tão contente como até agora. [...]

Bilbao, abril de 1946[51]

Padre,

[...] Na oração, o Senhor fez-me ver todas estas faltas muito claramente. Como Ele é bom!; e percebi que lho tinha de contar logo, pelo que me decidi a escrever-lhe. Como até agora sempre o fiz, fico completamente tranquila; só que, às vezes, vem-me a tentação de pensar de que modo lho vou contar (para que não lhe pareça muito mal). Graças a Deus, quando chega a altura, deixo a caneta correr livremente e nunca corrijo o que escrevi.

Dia a dia, vejo com mais nitidez como Jesus está perto de mim a todo o momento; poderia contar-lhe pormenores pequeninos, mas contínuos, que já nem me surpreendem, mas que Lhe agradeço e espero constantemente. Hoje, por exemplo, o meu despertador parou e Ele chamou-me. Naquele momento, (o relógio já estava a funcionar novamente) fez-me entender que as horas não estavam certas e levantámo-nos exatamente quando tínhamos que o fazer. [...]

Faz com que me lembre das coisas no momento oportuno e ajuda-me imenso a ter todas as minhas coisas em ordem (o Padre sabe como isso me faz falta).

Padre, estou muito contente e quero portar-me muito bem para que o Senhor esteja sempre assim a ajudar-me e, ao mesmo tempo, a humilhar-me, para que amor-próprio e a vaidade que me deram tanta luta não voltem a aparecer. [...]

Bilbao, 28 de julho de 1946[52]

Padre,

Não sei onde vai ler esta carta, talvez em Madrid. Como gostaria de o ver! Mas mesmo que não o faça, estou muito contente. Reze por mim e por esta casa. [...] Continuo, às vezes, péssima, mas como não ligo ao "amor-próprio" e conto sempre tudo, fico muito tranquila quando noto que aparece. Dia a dia, procuro estar mais próxima do Sacrário e muito contente, mesmo que nos rachem a cabeça[53], como o Padre costuma dizer.

Bilbao, 23 de dezembro de 1946[54]

Padre,

Esta carta com certeza vai chegar por mão própria de alguma das raparigas que vão a Roma, mesmo em cima do Natal. [...] Estamos todas divertidas a fazer o Presépio e a preparar as coisas destes dias. [...]

Padre, estou muito contente. Além disso, eu, que sempre fui tão seca na oração, agora muitas vezes não o sou e parece-me que o tempo que estamos no oratório se torna muito pouco. Já sei que isto vai passar e que vou voltar a ficar meia tonta outra vez, mas não me importo.

Madrid, 19 de janeiro de 1947[55]

Padre,

Cada vez me convenço mais de que tudo é bom e tenho tal confiança que, até as coisas que parecem uma desgraça (se não é por pouco amor a Deus da nossa parte), me dão alegria e não me assustam. [...]

Reze muito para que contagiemos a nossa loucura e não sejamos uma calamidade. Procuro ter sempre como prioridade que nós as quatro estejamos sempre bem por dentro. Esforço-me na oração e na ordem em tudo, conto tudo, e quando faço exame [de consciência] à noite e vejo tantas falhas (nas normas[56], presença de Deus, momentos de mau feitio ou vaidade) humilho-me muito e fico tão contente.

Bilbao-Madrid, 7 de abril de 1947[57]

Padre,

Estou a escrever-lhe no comboio. [...] A Semana Santa foi muito atarefada, quase não pude fazer companhia ao Senhor no Sacrário, mas tenho a certeza de que Ele o quis

assim e estou contente. A minha oração é simplesmente agradecer e pedir; de mim quase me esqueço. [...]

Los Rosales (Madrid), 30 de junho de 1947[58]

Padre,

Penso muito nas coisas, peço ao Senhor que me ajude, e noto mesmo que Ele nunca me deixa. Na oração, às vezes, não consigo pensar em nada; sinto a cabeça como que cansada de discorrer e só quero apoiar-me no Senhor e sentir-me ali; então percebo quanto O amo e sou muito feliz. No resto do dia, a minha presença de Deus consiste em meter a cabeça toda nas coisas que tenho que fazer (porque se não, nada me corre bem, preciso de estar muito concentrada, não sou nada rápida nem habilidosa para pensar).

Madrid, 21 de setembro de 1947[59]

Padre,

Embora às vezes me assuste um pouco pensar no ano letivo, estou tranquila e tenho muita confiança em que tudo vai correr bem. Nestes dias, estive totalmente concentrada na casa, nos armários, etc., e deixei um pouco o plano de vida para trás: falhei nos Terços, na leitura e a oração foi só a pensar em toda a confusão da casa, mas vou procurar que não volte a acontecer. Reze muito para que a parte material do trabalho não me absorva tanto e continue a viver com mais amor a Deus cada dia. Não sei como lhe explicar isto, mas é o que acontece comigo. Quando tenho muitas preocupações materiais, deixo-me arrastar um pouco por elas. [...] Padre, procuramos rezar muito para que venham estudantes para a Residência e, apesar de não termos nenhuma confirmada, tenho a sensação de que hão de vir. Ajude-nos e reze por nós, Padre.

Madrid, 22 de dezembro de 1948[60]

Padre,

Estamos numa recolção[61] e quero aproveitar este momento para lhe escrever. Daqui a dois dias, é Noite de Natal. Quem me dera poder levar ao Menino alguma coisa minha de que Ele gostasse, mas não a encontro. Padre, falta-me muito, por dentro e por fora, mas não desanimo; vou continuar a usar cada dia mais a cabeça e o coração para aprender a tratar bem Deus e as raparigas. Na oração, no espírito de sacrifício, etc., falta-me essa presença de Deus que faz ver nitidamente como se devem fazer as coisas... Agora, concretamente, quero aprender a ter ordem na casa e a fazer com que a tenham. Quando vejo que as outras não têm essa preocupação,

penso que não lhes sei transmitir o que me dizem a mim, e sinto-me responsável por tudo. De dia para dia, sinto-me mais unida à Obra e ao Padre. Quando animo as raparigas a fazer apostolado, facilmente me entusiasmo e penso que nessa altura consigo contagiá-las. Mas falta-me essa vida interior sólida que é a única coisa que dura e que é preciso ensinar a ter.

Molinoviejo (Segóvia), 11 de janeiro de 1949[62]

Padre,

Hoje, acabamos o retiro e tenho a certeza de que todas queremos que as coisas corram como o Padre quer, que é como Deus quer.

Passei um mau bocado: nos primeiros dias, só conseguia chorar, de pena. Vía-me tão ingrata com a Obra, com o Padre, com Deus! Falei com o Pe. José Maria e fiquei tranquila. Padre, como sabe, antes de vir para a Obra, eu não sabia nada. [...] Por isso, tenho que agradecer mais. Deixei tão pouco e recebi tanto! Esta é que é a realidade.

Depois, pensei muito no trabalho: vinham-me à cabeça montes de coisas, estava nervosa e até desejava que o retiro acabasse para lutar, ter mais ordem e trabalhar com as universitárias da Residência.

Acho que nunca senti tantas coisas juntas: desejos de ser humilde, boa, trabalhadora. Mas, apesar de tudo isto, não me dominei e fiz as outras rirem um bocado. O Padre já sabe o feitio que eu tenho. Falta-me seriedade. Ajude-me a consegui-la. Tenho que pensar na minha idade, que vai aumentando, e acima de tudo assumir toda a responsabilidade que a Obra quiser dar-me e, às vezes, esqueço-me.

Havia neve, mas nos dias de sol, no intervalo das atividades, saíamos para o campo. Como é bonito tudo o que Deus faz para nós! [...]

Conto com a ajuda do Padre, com a das minhas irmãs mais velhas, com tudo. E do que é meu, só ponho as minhas forças (bem poucas) e desejos muito grandes de amar a Deus a sério.

Molinoviejo (Segóvia), 17 de outubro de 1949[63]

Padre,

Estou em Molinoviejo a acompanhar um retiro. Temos um grupo de doze raparigas e duas de nós, catorze no total. Pensávamos que seriam mais, mas... não pôde ser... Reze por elas. [...]

Falaram-me no assunto do México. Obrigada, Padre. Ficaria tão contente como se não fosse, o Padre já sabe, mas vou com muito gosto, apesar de, na verdade, não ficar

muito tempo a pensar nisso. Só na oração, reservo todos os dias um bocadinho e rezo um Terço à minha Nossa Senhora de Guadalupe, pedindo-lhe pelo que ainda nem conheço.

De mim, não sei que contar-lhe. Diante do Senhor, sou uma coisa, peço-Lhe por tudo, mas a minha oração esbarra tempo sem fim na mesma ideia: surge-me uma palavra, "desfalecer", mas não no sentido de debilitar, precisamente o contrário. Li-a no ofertório de uma Missa, parece-me, e acho que é o que me acontece quando estou com muita presença de Deus, e sinto-me tão feliz que quase não consigo resistir fisicamente. Penso que o Padre me compreende, não é verdade?

Molinoviejo (Segóvia), 12 de dezembro de 1949[64]

Padre,

Hoje, é o último dia do retiro e é também o dia do meu onomástico: tenho a certeza de que rezaram muito por mim, noto-o e quero aproveitar. Quantas coisas tenho no meu coração e na cabeça! A Obra, o Padre, as minhas irmãs... Isto vai ser quase o único propósito do retiro: ajudá-las, ensinar-lhes (o quê, não sei, mas não importa, Deus estará a meu lado). Desta vez, não pensei na minha vida passada, como nos outros anos. Já sei que ofendi o Senhor antes de ser de Casa, mas já me perdoou muitas vezes e não quero pensar mais nisso. Desta vez, procurei ver a minha falta de correspondência às graças enormes que o Senhor me deu desde que sou sua filha na Obra. E isso basta para ter muita dor no coração e fazer muitos propósitos.

Para lutar com outro tipo de coisas, para me vencer na preguiça, para ter espírito de sacrifício, para estar sempre alegre e vibrante, procuro não pensar nas coisas que me custam [...] tendo assim uma presença de Deus não sensível, mas à força de estímulos, serviam[65]: "Vamos lá... vamos ver se consigo", e sem nunca me sentir nem vítima nem coitadinha. Tento não ter medo de nada: tudo o que acontece com alguém, acho que me pode acontecer a mim e reajo; assim, se me cair em cima, já estava preparada. Se faço alguma coisa, penso que pode estar mal e, se me corrigirem, como já estava à espera, até me dá alegria. Mesmo a dor física, estou sempre disposta a suportá-la (se bem que a minha saúde esteja ótima) e assim, quando me dói alguma coisa, recebo-o como quem estava à espera e fico contente. Não sei se me estou a expressar bem, o Padre verá, por eu ser muito simples, a minha luta interior é francamente fácil.

Os meus dois principais problemas são: não fazer todo o esforço de que sou capaz para cumprir as normas do plano de vida[66]: não me esforço na oração, na Missa, na Comunhão, a maior parte das vezes; [...] e o outro é não me ter empenhado em que as minhas irmãs avancem, tenham vida interior, etc. Importa-me mais conseguir novas vocações do que cuidar das que já a têm. Estou consciente de que tenho muita

responsabilidade nesta matéria e vou procurar de alma e coração que não continue a acontecer.

Da minha relação íntima com Deus, da oração, etc., já lhe falei de outras vezes: quando faço um pouco da minha parte, o Senhor facilita-me a vida e rendo-me totalmente.

Hoje pedi muito a Nossa Senhora para que, no México, se possa fazer muito bem. Sei que ao princípio vai ser duro, tenho a certeza, mas não me importa.

Só me falta dizer-lhe que não tenho consciência de ter deixado alguma vez de ser sincera, quer na direção espiritual, quer na confissão, quer nas cartas que lhe escrevo.

Cidade do México, 13 de maio de 1950[67]

Padre,

Gostaria de lhe poder dizer que, no dia 18, já vamos ter o Senhor em casa, mas não temos a certeza. Depende do dourador que está a arranjar o retábulo onde está Nossa Senhora, e o altar. Como gostaria que nesse dia tão grande da Ascensão se celebrasse a primeira Missa! Lembre-se um pouco e reze nesse dia por esta casa e um bocadinho também por mim: nesse dia, fiz a minha Primeira Comunhão, vim viver em Casa, e também fiz a Fidelidade[68]. [...]

Cidade do México, 20 de outubro de 1950[69]

Padre,

Com estas cartas, o Padre vai receber muitas fotografias da casa e de todas nós, e de muitos aspetos concretos do nosso trabalho no México. Se visse quanto já amamos esta terra e como nos vamos dando bem com todas! [...] Reze muito por elas; o importante é que vão à velocidade a que Deus quer levar cada uma. [...]

Também lhe quero contar uma coisa boa sobre mim. Que estou contente, que invisto tudo o que sou em tudo, cada dia com mais dedicação, mas nada me prende. Penso que se, em qualquer momento, me dissessem para largar ... alguma coisa ou tudo, não me iria custar nada: nem as pessoas, nem as coisas. Parece que estou louca, porque humanamente seria impossível unir estes dois sentimentos, mas é exatamente isto que me dá a certeza de que no fundo está Deus. Apesar de, sobretudo nos tempos de oração e nesta temporada, raramente O sentir. No resto do dia, quase não perco a presença de Deus, que é de tal forma real, que nunca não chego a ter a sensação de estar sozinha. [...]

Também lhe vou contar alguns dos meus erros. Às vezes, sinto preguiça [...]. Estive um mês sem escrever à minha mãe. E com a Manolita (com quem tenho mais confiança) sou menos compreensiva do que com as outras. Tento lutar em todas estas coisinhas e

outras parecidas, que me servem para me humilhar continuamente diante de Deus, do Padre, do Pe. Pedro, de mim e das minhas irmãs, se me veem alguma vez, e continuo para a frente.

Cidade do México, 1 de fevereiro de 1954[70]

Padre,

Gostava de poder contar coisas boas a meu respeito para lhe dar alegria, mas só posso dizer a verdade: como sempre e para sempre, quero ser fiel, quero ser útil e quero ser santa. Mas a realidade é que ainda tenho um longo caminho a percorrer. Externamente, creio que não me porto mal. Cumpro as normas[71] (em geral; não posso dizer-lhe que nunca me falta nada), aproveito o tempo o mais que posso. Estou sempre contente, domino o meu carácter (é muito raro que me exalte); vivo os costumes de Casa; faço as mortificações normais. Mas por dentro, não estou contente com a forma como faço as coisas. Poderia dar mais em tudo, ter mais presença de Deus (quase nunca me falta, mas podia ser mais intensa e eficaz). Enfim, ainda me vejo cheia de falhas.

Mas não desanimo e, com a ajuda de Deus e o apoio do Padre e de todos, espero conseguir vencer.

Gosto imenso do que faço (ainda assim, como lhe digo sempre, se me mandassem outra coisa, acho que também teria imenso gosto); estou feliz no México (mas também não me importo nada de ir para outro sítio). Queria que este ano significasse um grande impulso por fora (o Centro de Estudos[72], a Escuela-Hogar[73]... vocações, Guatemala, o jardim de infância), e por dentro: ser mais radicalmente de Deus, eu e todas. Reze muito por nós, para que o Senhor nos dê tudo o que nos falta. Assim tem de ser sempre. [...]

Montefalco (México), 7 de maio de 1956[74]

Padre,

Estamos em Montefalco, a fazer retiro, nós, um grupo das mais velhas [...]; e acho que estamos a aproveitar. Tenho pena de não lhe poder dizer que melhorei grande coisa, mas não há maneira; continuo assim: muita vontade, muitos objetivos grandes e sinceros de ser santa, mas ainda estou muito longe de o ser. Penso que este novo ano (de retiro a retiro) vai ser um grande impulso em todos os sentidos.

Aguardamos com expectativa a chegada das de Roma, nós, as espanholas e mexicanas. Com elas cá, o trabalho vai aumentar em extensão e profundidade, e o ar renova-se, que tudo é preciso de vez em quando. Estou ansiosa de que cheguem.

Gostava que me dissessem se já posso fazer a confiança[75] com alguma delas; claro que a faço agora com o Pe. Pedro, ou na confissão, mas acho que preciso dela tal como deve ser, para poder ser mais pormenorizada, etc. Estou certa de que será uma ajuda na minha vida interior, que não está a avançar muito.

Creio que lhe disse noutras cartas que sim, que faço pequenos sacrifícios; que não há nada – nas refeições, na curiosidade, em pequenos desconfortos, na água fria, nos minutos heróicos - que eu não faça, e com relativa facilidade. Não me custa vencer-me nestas coisas. Poderei fazer mais ou menos, mas não me oferecem luta. Também não sinto uma afeição desordenada (coração) por nada nem por ninguém. A minha luta consiste mais em mostrar o coração nas coisas, talvez por a minha caridade não ser muito profunda.

Às vezes, aquelas que vivem comigo já mo disseram: que notam que me interessam por elas, mas que chega um momento em que deparam como que com uma barreira em mim; que, no fundo, não chegam a encontrar em mim compreensão... etc. Padre, não percebo, mas vou pedir a Deus mais amor por Ele, e assim, com certeza, hei de saber amar melhor as outras também. Reze muito por mim para que consiga chegar lá.

E mais uma vez lhe digo que estou disposta a deixar o cargo com muita alegria, a continuar com ele, a continuar no México sendo o “último macaco” [76] (lembre-se que a minha formação na Obra foi um pouco com a prática, e que, logicamente, as que vêm de Roma sabem mais do que eu, graças a Deus; porque sei pouquíssimo de muitas coisas, apesar de, às vezes, me surpreender com a clarividência que Deus me dá sobre coisas que supostamente não devia saber), a sair do México e a ir para onde for fazer o que o Padre disser, e tão contente.

Cidade do México, 2 de outubro de 1956[77]

Já estou a contar os dias que faltam para chegar aí[78]. Que grande alegria! Todas me dizem que não vou conhecer a casa nem as raparigas, já não está quase nenhuma das mais velhas. Já tenho uma idadezinha! Noto-o dia a dia e em tudo. Que bom é isso também.

Gostava de, quando falar com o Padre, poder dar-lhe uma alegria ao ver que, assim como em idade, também cresci por dentro (que é, afinal, o que interessa), mas creio que nisto continuo a mesma. Que desgraça, não é verdade? Às vezes, penso que o Senhor deve ver o meu esforço por O servir, o que compensará o pouco que consigo melhorar por dentro isso consola-me um bocadinho, mas às vezes parece-me que não e dá-me muita tristeza. Claro que não dura muito, porque o Padre já sabe que o meu carácter não tem nada de pessimista, muito pelo contrário.

Reze muito por mim, para que eu saiba tirar todo o partido desta viagem que Deus quiser que tire. Desde que recebi a mensagem a dizer que, no dia 20 de outubro devia estar em Roma, na minha oração, só peço para ir com a docilidade e simplicidade da primeira vez que o vi; que, se tenho um pouco mais de experiência, isso não seja obstáculo à minha obediência. Peça por isso também ao Senhor, e vai ver como conseguimos. Penso que o trabalho dos próximos anos se centrará à volta do que nos disserem em Roma nestes dias... Penso em muitas coisas e sinto muita responsabilidade sobre mim, mas ao mesmo tempo confiança, paz e muitíssimo amor a Deus, à Obra e ao Padre, que é a pessoa que representa tudo.

Não sei se esta carta é muito clara, mas prefiro que fique assim; nunca deixei de lhe enviar nenhuma das cartas que lhe escrevi, e esta também não vou deixar de a enviar.

Molinoviejo (Segóvia), 9 de Janeiro de 1960[79]

Padre,

Hoje, dia do aniversário do Padre, estou a passá-lo no meu retiro, em Molinoviejo. Acabei de me confessar. E mais uma vez, vi quantas pequenas falhas existem no fundo da minha alma. Mas também, mais uma vez, pedi perdão ao Senhor e noto (o Padre sabe-o muito bem) que Ele mo concede e está contente, apesar de tudo. E eu, como louca. Com paz, alegria, ânimo e força renovada, nestes dias de limpar o pó aos cantinhos. Padre, ofereço isto hoje ao Senhor, ao mesmo tempo que peço pelo Padre, para que Deus lhe conceda, com a sua onipotência, tudo o que eu, se pudesse, lhe daria, e muito mais coisas que não me vêm agora à minha cabecinha. [...]

Colégio Maior Goimendi (Pamplona), 21 de julho de 1962[80]

Padre,

Hoje, estamos a fazer a recolção[81] do curso anual[82] e, depois de um exame [de consciência] profundo diante do Senhor, escrevo ao Padre, para que, como sempre, me continue me conhecer a fundo, a ajudar-me e a rezar por mim.

Vejo, uma vez mais, tantas coisas boas e graças que o Senhor me deu e continua a conceder-me a mim e à minha volta, e vejo também que, sem qualquer esforço, na maioria das vezes, correspondo ao que devia fazer. Mas por aqui me fico. Vibro no apostolado e no proselitismo com as pessoas[83], na vida familiar própria do nosso centro, no trabalho profissional. Cumpro as normas[84]; aqui, faço pouco esforço e na oração raramente fico sozinha. É verdade que tudo o que me ocupa a mente são as coisas do Senhor, que Ele me pôs nas mãos através do Padre, e das minhas irmãs; mas não sei desprender-me delas.

É verdade que tanto me faz estar aqui ou ali, o Padre sabe, e que estou sempre contente onde me puserem. Mas o que tenho de fazer em cada momento, não o deixo para estar algum tempo atenta unicamente a Deus. Posso não saber como explicar, mas reze por mim. O Padre sabe o que quero dizer e rogo-lhe que peça para esta sua filha aquela graça que ainda não sei aproveitar; porque também reparo que o Senhor ma dá, e é por isso que Ele me pede isto.

Madrid, 29 de dezembro de 1962[85]

Padre,

Estou a fazer retiro e, como sempre nestes dias de silêncio, parece que estamos mais perto do Senhor, sendo que o que acontece é que, ao não pensar em outras coisas, O escutamos melhor. Também, e pelo mesmo motivo, sinto mais a necessidade de lhe escrever, Padre, e de lhe contar talvez o de sempre: como está a sua filha por dentro. Queria cortar com uma espécie de preguiça - chamo-lhe assim - que não me deixa viver com intensidade a minha relação com Deus. Todos os anos, durante o retiro, tenho-me proposto este objetivo. Esforçar-me mais para viver bem a oração, a comunhão, etc., pondo mais empenho da minha parte. Este ano, decidi pensar que talvez seja muita pretensão achar que depende de mim - do meu esforço - conseguir isto, e por isso, penso pedi-lo a Deus e rogo-lhe, Padre, que, se se lembrar, reze por mim.

Não pense que por causa disto fico triste. Nada disso. Gosto de tudo o que faço e até mesmo humanamente me apetece. O trabalho profissional também [...], assim como o meu encargo apostólico: o centro de São Gabriel em Montelar[86], e o trabalho de São Rafael[87] que nunca deixo. Gosto muito de ajudar as minhas irmãs da Assessoria[88]. Viver com elas e poder rezar pelas suas ocupações, que também me fazem estar muito em contacto com Roma, é outra coisa pela qual tenho que dar graças continuamente. Apesar de tudo, o Padre já o sabe, como sempre, estarei contente onde precisarem de mim e mais uma vez ponho-me nas suas mãos para que agora e sempre disponham de mim.

La Pililla (Ávila), 6 de julho de 1971[89]

Padre,

[...] Como agradeço a Deus e à Obra por esta fé firme e simples, apesar de compreender cada vez mais a necessidade de a aprofundar e de estudar para a poder transmitir com conhecimentos firmes, como o Padre sempre nos diz. Fé de crianças e doutrina de teólogos, dos bons.

Neste momento, só quero dizer-lhe "eis-me aqui", mais agradecida do que nunca, sabendo que não mereço nada, mas que Deus, através da Obra e do Padre, me fazem aumentar todos os dias essa fidelidade, que é lealdade humana, e confio em que sempre assim será.

La Pililla (Ávila), 4 de setembro de 1973[90]

Padre,

Durante estes [91] dias, a cadeira que estudámos foi Dogmática: os “Novíssimos”[92]. Em suma, a realidade é que a cadeira foi lindíssima e familiarizei-me com a morte e o céu. Espero que cheguem quando Deus quiser. Espero que Nossa Senhora me ajude e a possa ver logo [...].

Falaram-nos da sua carta de março[93]. Em primeiro lugar, quero agradecer-lha. Impressionou-me e vi com alegria que o sigo o mais de perto que posso, neste momento duro e difícil, e que a sua coragem em chamar as coisas pelo seu nome me produz uma paz total. Por dentro, penso que era o mesmo que eu queria dizer, mas não consigo. Tenho também remorsos por não viver tudo plenamente ...aquele exame pessoal, detetando alguns dos nossos erros, fez-me chorar.

[33] S. Josemaria, Amigos de Deus, n. 131.

[34] AGP, GOL A-00002.

[35] Modo como se designava naquela época quem ocupava o cargo de subdiretora dos centros do Opus Dei. Em 1945, ano em que Guadalupe escreve esta carta, o Opus Dei ainda não tinha a sua configuração jurídica definitiva dentro do Direito Canónico, o que explica o uso de alguns termos que diferem dos que são utilizados no atual contexto da Prelatura Pessoal.

[36] Refere-se a Carmen Gutiérrez Ríos, então subdiretora do centro em que Guadalupe morava.

[37] Nisa, Narcisa González Guzmán, era a diretora do mesmo centro.

[38] Refere-se à ajuda de acompanhamento espiritual pessoal que alguém solicita para receber orientações e conselhos sobre a sua luta pela santidade.

[39] Cf. nota n. 8

[40] AGP, GOL A-00321.

[41] Onomástico, o dia do santo do nome da pessoa. Refere-se ao dia 12 de dezembro em que se festeja Nossa Senhora de Guadalupe. Em Espanha e noutros países, existe a

tradição de festejar o onomástico, em lugar e do mesmo modo que o dia do aniversário de nascimento (NT).

[42] O bem-aventurado Álvaro del Portillo nasceu em Madrid, em 1914. Incorporou-se no Opus Dei em 1935 e converteu-se na ajuda mais firme de S. Josemaria, permanecendo a seu lado durante quase 40 anos, como seu colaborador mais próximo. No dia 25 de junho de 1944, foi ordenado sacerdote. Desde então dedicou-se inteiramente ao ministério pastoral, em serviço dos membros do Opus Dei e de todas as almas.

[43] Refere-se a que, depois de receber a autorização do Bispo, já se podia deixar o Senhor, sob as espécies sacramentais, no Sacrário do oratório do centro em que residiam.

[44] AGP, GOL A-00324.

[45] Plano de vida: refere-se ao conjunto de práticas de piedade e de costumes cristãos, que sendo distribuídos ao longo do dia, prevêm tempos dedicados exclusivamente à relação com Deus e contínuas referências ao Senhor. Cf. “Plano de vida”, por Elena ÁLVAREZ em Diccionario de san Josemaría Escrivá de Balaguer, Monte Carmelo, 2013.

[46] Guadalupe costumava rezar diariamente o Rosário completo, isto é, três Terços (NT).

[47] Refere-se a uma pequena imagem do Menino Jesus que costumavam colocar no oratório durante o tempo do Natal.

[48] AGP, GOL A-00005.

[49] José María Hernández Garnica nasceu em Madrid, em 1913. Sacerdote, engenheiro de Minas e doutor em Ciências Naturais e em Teologia, colaborou com S. Josemaria na expansão do Opus Dei pela Europa, com grande alegria e espírito de sacrifício. A sua causa de canonização teve início em fevereiro de 2005.

[50] O círculo é um meio de formação: consiste num curso de orientação cristã prática.

[51] AGP, GOL A-00318.

[52] AGP, GOL A-00325.

[53] Expressão coloquial, no sentido de causar algum dano ou prejuízo. No contexto, refere-se a estar perto de Deus e contente, apesar das dificuldades.

[54] AGP, GOL A-00335.

[55] AGP, GOL A-00008.

[56] As normas do plano de vida. Cf. nota 23.

[57] AGP, GOL A-00009.

[58] AGP, GOL A-00346.

[59] AGP, GOL A-00011.

[60] AGP, GOL A-00352.

[61] As recoleções, retiros espirituais ou exercícios espirituais são uma prática religiosa que permite um distanciamento temporário da atividade do dia a dia, por um motivo religioso, para falar com Deus de realidades espirituais e progredir na santidade.

[62] AGP, GOL A-00044.

[63] AGP, GOL A-00361.

[64] AGP, GOL A-00017.

[65] Do latim: “Servirei” (NT)

[66] Cf. nota n. 23.

[67] AGP, GOL A-00373.

[68] Refere-se à incorporação definitiva que os fiéis podem fazer na Prelatura do Opus Dei depois de, pelo menos, cinco anos da incorporação temporária.

[69] AGP, GOL A-00022.

[70] AGP, GOL A-00498.

[71] Cf. nota n. 23.

[72] Os Centros de Estudos são erigidos em cada circunscrição regional, com o fim de proporcionar a todos os fiéis dessa Região, de modo adequado, uma formação doutrinal religiosa intensa e constante para alimentar a vida espiritual e capacitar para a missão apostólica própria da Prelatura.

[73] Trata-se de “Ecolinistle”, uma escola de artes domésticas situada na cidade do México que se abriu no ano anterior. (NT)

[74] AGP, GOL A-00028.

[75] Refere-se a esse acompanhamento espiritual pessoal já explicado antes, com uma pessoa leiga, além do sacerdote. Para mais informações sobre a direção espiritual com um leigo, cfr. “Direção Espiritual”, por Guillaume DERVILLE em Dicionario de san Josemaría Escrivá de Balaguer, Monte Carmelo, 2013.

[76] Expressão coloquial que equivale a ser insignificante.

[77] AGP, GOL A-00029.

[78] Refere-se a ir a Roma, cidade para a qual Guadalupe ia viajar para participar do Congresso Geral Ordinário do Opus Dei. Os Congressos Gerais Ordinários têm como finalidade avaliar os trabalhos realizados desde o Congresso anterior e propor ao Prelado orientações sobre a ação evangelizadora dos fiéis da Prelatura, sempre tentando realizar um serviço melhor e mais frutuoso à Igreja universal e às Igrejas particulares.

[79] AGP, GOL A-00465.

[80] AGP, GOL A-00474.

[81] Refere-se ao dia de recoleção do curso anual. S. Josemaria recomendava dedicar algumas horas, um dia por mês, para meditar diferentes realidades da vida cristã, de modo a manter o impulso espiritual do retiro anual.

[82] O “curso anual” é um período de formação de várias semanas dedicado ao estudo e ao aprofundamento de diversos aspetos da teologia e da doutrina.

[83] O termo “proselitismo” deriva de “prosélito” e, na Bíblia, designa aqueles que, procedendo de outros povos, se preparavam para acolher a fé judaica. A Igreja assumiu esta palavra analogicamente. Muitos autores espirituais – e entre eles, S. Josemaria – usaram o termo “proselitismo” neste sentido, como sinónimo de apostolado, evangelização ou mais especificamente ao acompanhamento no discernimento vocacional, iniciativas que se caracterizam por um profundo respeito à liberdade, em contraste com o significado negativo que este vocábulo adquiriu nos últimos anos do século XX.

[84] Cf. nota n. 23.

[85] AGP, GOL A 0476.

[86] Cf. nota n. 32.

[87] Refere-se ao trabalho de formação cristã com pessoas jovens.

[88] No governo do Opus Dei, o prelado conta com a colaboração de um conselho de mulheres, a Assessoria central, e outro de homens, o Conselho geral. Ambos têm sua sede em Roma. Além disso, já que a Prelatura se distribui em área ou territórios chamados regiões, à frente de cada região – cujo âmbito pode ou não coincidir com um país – há um vigário regional, com os seus conselhos: Assessoria regional para as mulheres e Comissão regional para os homens. Nessa altura, Guadalupe morava no centro da Assessoria Regional de Espanha.

[89] AGP, GOL A-00042.

[90] AGP, GOL A-00044.

[91] Ao escrever esta carta, Guadalupe estava a fazer o seu curso anual, um breve período de formação e estudo teológico em que se vão lecionando as disciplinas equivalentes a um biénio filosófico e um quadriénio teológico, com programas da mesma duração e configuração análoga aos que se dão nas universidades pontifícias romanas. S. Josemaria dedicou uma atenção especial à formação doutrinal-religiosa dos membros do Opus Dei, uma formação que se adapta às circunstâncias concretas de cada fiel.

[92] Na espiritualidade cristã, chamam-se Novíssimos às últimas coisas que acontecerão ao homem no final da vida: a morte, o juízo, o purgatório e o destino eterno: o céu ou o inferno.

[93] Refere-se a uma carta que S. Josemaria dirigiu a todos os membros do Opus Dei no dia 28 de março de 1973. Com solicitude de pai, S. Josemaria animava a renovar a fidelidade a Deus e à Igreja, em momentos de confusão em alguns âmbitos da vida eclesial.

[Voltar ao índice](#)

III. UM CORAÇÃO ENORME

A alegria do apóstolo

Aqueles que conheceram Guadalupe recordam sempre o seu sorriso e bom humor. "O que é preciso para alcançar a felicidade não é uma vida cómoda, mas um coração apaixonado"[\[94\]](#), repetia S. Josemaria, e parece que Guadalupe soube encarnar essa lição. Um coração enorme, cheio de amor a Deus, iluminava a vida e a oração de Guadalupe e encorajou-a a partilhar esse tesouro com quem estava ao seu lado. Um coração enorme em que o céu e a terra se encontraram. Um coração vigoroso de apóstolo, de filha, de irmã, de amiga.

Bilbao, 1 de outubro de 1946[\[95\]](#)

Padre,

Ontem, chegaram o Pe. Álvaro [del Portillo] e o Pe. Pedro [Casciaro]. [...] Que alegria! Disseram-me para rezarmos muito pela casa grande de Roma e por uns trâmites com ela relacionados de que o Padre está a tratar agora. Fá-lo-emos com toda a alma, apesar de nestes dias estar um pouco impaciente e maçadora com as minhas irmãs. Quando não se lembram de alguma coisa ou me parecem pouco empenhadas, digo-lhes logo e, por vezes, nomeadamente com a Consi e a Roser, devia calar-me. Cheguei mesmo a ter remorsos na oração e a pensar que não lhes quero bem, como a todas as outras que por aqui passaram. Claro que estou disposta a retificar e a dar-lhes atenção, até lhes transmitir esta dedicação por tudo o que o Senhor (sem luta e, portanto, sem mérito algum) me pôs nas mãos, pois seguramente não teria tido forças se me tivesse custado algum esforço.

Bilbao, outubro de 1946[\[96\]](#)

Padre,

[...] O Pe. José [...] disse-nos que, acima de tudo, havemos de fazer com que todos os que nos rodeiam "gostem de nós". Como tem razão! Gostava de o conseguir, sobretudo no que se refere às minhas irmãs; que encontrem em mim aquele coração grande que o Senhor sabe meter em nós quando nos entregamos deveras. Peça-Lhe para que eu consiga chegar lá e lembre-se muito da sua filha.

Bilbao, 3 de novembro de 1946[\[97\]](#)

Padre,

Ontem, disseram-nos que o Padre não vem a Bilbao. Estávamos com imensa vontade de o ver, mas não sendo assim, tão contentes. Peça muito por nós, que é o mais importante, para estarmos cada vez mais perto do Senhor. Desejava muito dizer-lhe que quero fazer a Fidelidade[98] quanto antes. Padre, embora não tenham passado os anos necessários, dá-me a sensação de que estou na Obra toda a minha vida, porque me parece que foi outra pessoa quem fez o de antes (e confio que o Senhor também já se esqueceu dessa parte, não é verdade?).[...].

Padre, penso que alguma vez lhe disse que não tinha Cruz, porque o que fazia não me custava nada; agora acontece o mesmo, mas vou-as encontrando: as minhas cruces são as preocupações pelas outras, o ver as minhas irmãs com dificuldades na luta, o perceber que as raparigas não reagem bem e sentir-me sem força para o evitar; mas procuro acolhê-las a todas com alegria e fazer o que posso, e confio o resto ao Senhor.

Bilbao, 17 de novembro de 1946[99]

Padre,

Às vezes, assusta-me a fé e segurança que tenho quando peço algumas coisas. Contei ao Pe. José, para o caso de ser vaidade, mas ele tranquilizou-me, e dou graças a Deus, simplesmente.

Com as minhas irmãs, sou talvez demasiado exigente; não deixo nunca de lhes dizer o que fazem mal e, embora lhes queira bem e peça por elas, e fosse capaz de qualquer coisa para as ajudar, quando vejo que têm dificuldades na luta, não manifesto esse afeto e sou dura com elas. Devia ser mais compreensiva.

Conto tudo isto ao Pe. José e estou disposta a lutar com todas as minhas forças e a pedir muito para ter um coração muito grande. Ajude-me!

Quando estamos as cinco, divertimo-nos imenso e, como o Padre sabe que sou a mais brincalhona, faço com que se riam, mas geralmente mantenho a presença de Deus. No exame particular[100], dou muita atenção à alegria e à presença de Deus e [...] peço ao Senhor que me ajude a tê-las. Reze por mim.

Bilbao, 17 de dezembro de 1946[101]

Padre,

No dia 13, a Marichu e a Raquel chegaram de manhã e, à tarde, foram-se embora a Pilarín e a Consi, todas muito contentes. As raparigas que vêm por aqui ficam surpreendidas com a alegria que temos por estarmos juntas e quando nos separamos.

A Marichu contou-nos muitas coisas de todas as casas, e disse que o Padre escrevia contente, e que, quando vier de Roma, se vai dedicar a nós e que vai haver muitas

vocações. Que bom! Cada vez que alguém se decide [a seguir o nosso caminho], isso dá-me muita alegria (como nenhuma outra coisa). [...]

Bilbao, 25 de janeiro de 1947[102]

Padre,

A Nisa enviou-nos uma cópia de uma carta do Padre. Como nos animam as coisas que nos diz! Asseguro-lhe que todos os dias pomos alegria naquilo que fazemos. Se visse como nos divertimos hoje! No fim do lanche, como era domingo, ficámos um bocado as quatro na cozinha com a Glória [...] e com a Ricarda [...], e estivemos a conversar. Depois, cantámos baixinho canções bascas e, no fim, Padre, até dançámos uma sardana[103] que a Roser nos ensinou. Estavam a descascar batatas e tão contentes.

Depois, fomos fazer oração e tenho a certeza que todas rezámos por elas. [...] Depois da oração, desci com o Caminho [...] [para o quarto da Maria, a cozinheira, que estava de cama com febre], (a Felisa também estava lá) e lemos o capítulo "A Virgem Maria". Foi assim que as suas filhas de Abando passaram a tarde de domingo. [...]

Amanhã, o Pe. José vai pregar-lhes uma recoleção. Pode ser decisiva para algumas. Continuam a vir muitas raparigas cá por casa. [...] Há muitas que ainda não entendem bem a Obra, outras já gostam muito de nós. Padre, sou ambiciosa, gostaria que todas as que vêm por cá tivessem vocação e fossem tão felizes como nós, ou pelo menos que fossem percebendo o nosso modo de ser; penso que se nós nos esforçarmos na oração, vamos conseguir.

Padre, tenho pena de não fazer muito bem a oração; reze para que o Senhor me ensine; ao Padre, com certeza, dará mais ouvidos do que à sua filha.

Bilbao, 24 de março de 1947[104]

Estamos muito contentes, e tão alegres que às vezes acho que nos rimos demais. Durante os poucos momentos em que estamos juntas, divertimo-nos com tudo, como nem imagina. Às vezes, perco a seriedade e faço palhaçadas, é como se explodisse e não consigo controlar-me. De qualquer forma, não pense que é excessivo; e o Senhor faz com que, apesar de tudo, me respeitem muito.

Los Rosales (Madrid), 25 de junho de 1947[105]

Padre,

Já começámos o curso anual[106], somos treze e todas contentes e com grandes desejos de melhorar. A casa está muito alegre e todas aquelas que já fizeram a confiança comigo, usaram de uma enorme sinceridade e simplicidade. [...] Para mim, tudo é uma lição, estou muito serena e noto de uma maneira patente que o Senhor me ajuda.

Cuidamos muito da quinta, do tear e da casa. As aulas são um verdadeiro exame da nossa vida na Obra. Ajude-me a aprender a ter muito amor a Deus para o transmitir às minhas irmãs; é o que tenho pedido com mais força desde que estou aqui. [...]

Reze muito por mim, e leve-me para onde e como quiser, sempre. Onde eu estiver, hei de pôr tudo o que tenho e o Senhor encarregar-se-á do resto.

Cidade do México, 20 de outubro de 1950[107]

Padre,

Converso muito com as residentes; por elas, não há nenhuma dificuldade; pelo contrário, desejam ter uma oportunidade para me contar de princípio a fim, tudinho tudinho (como dizem aqui).

Têm total confiança em nós, o que é ótimo. Às vezes, isso faz-me sofrer imenso, porque vejo como algumas estão afastadas de Deus. É frequente encontrar raparigas de uns 20 anos que acham que perderam a fé. Não é verdade (graças a Deus) quase nunca, mas precisam de se dar conta disso. Podemos ajudá-las tanto... Pela primeira vez na minha vida, senti que, em alguns momentos, para ajudar uma destas raparigas, o Senhor me urgia a rezar mais, a sacrificar-me, a falar com elas. [...] Estou certa de que o Padre compreende tudo isto, e não penso que esteja mal, não é verdade? Contudo, o Padre pode ter a certeza de que o mais importante para mim neste momento são as nossas e aquelas que o vão ser muito em breve.

Cidade do México, 11 de novembro de 1954[108]

Padre,

Há muito tempo que não lhe escrevo diretamente, apesar de, sempre que escrevo para Roma, pensar que a carta é para o Padre, e ao contar as coisas que me parecem boas, gosto de pensar que lhe darão alegria; e quando digo as que me preocupam, sinto que o Padre vai rezar por nós para retificarmos ou encará-las bem.

Mas hoje, quero falar-lhe de mim, não sei se vou conseguir, porque à força de pensar nas outras, já não penso mais em mim própria. Isto faz com que, às vezes, não saiba

confessar-me bem, nem fazer a confidência. Não é que eu deixe de dizer alguma coisa (tendo consciência de que devo contar isso), mas que não vou aos pormenores.

Cumpro as normas^[109] o melhor possível (embora às vezes os terços e a leitura não os faça até ao fim). Cumpro o horário, procuro ser ordenada, venço o meu carácter, faço pequenos sacrifícios (minuto heroico, forma de sentar-me, nas refeições, em fazer o que devo em cada momento, em controlar a imaginação). Dou muita importância aos círculos e às aulas que tenho de dar (preparo-os); nas confidências [...] tento ganhar a confiança e que gostem de mim, embora nem sempre o consiga (talvez porque me veem mais de perto, não lhes dou o exemplo necessário). [...] Em geral, procuro ter uma presença de Deus muito forte em toda a conversa, e dar muito poucos conselhos e só aqueles que vejo muito claramente.

[...] Tenho poucas ocasiões para conversar com as raparigas; aliás, penso que já é preferível que falem com pessoas mais da idade delas. Gostava de estar sempre de acordo com a minha idade no trabalho também.

Espiritualmente, estou sempre com paz e alegria. Geralmente, não perco a presença de Deus; apesar de, às vezes, não me fazer evitar ou fazer o que devo (ou seja, não é inteiramente eficaz). A oração não é muito intensa. Tenho muita fé, confiança e amor (mas quase nunca o sinto).

O que mais me faz sofrer é a falta de entrega ou de perseverança nas nossas. Mas nem isto influencia o meu estado de ânimo.

Acho que estou desprendida das coisas e das pessoas. Não é que tudo ou todas me sejam indiferentes, mas não me custa prescindir delas de vez em quando. Algumas vezes, não fiz bem as contas; mas nunca fiz despesas supérfluas, nem para mim nem para as casas. Mas por falta de tempo, não as fiz até ao cêntimo. O meu exame particular consiste em dizer jaculatórias a pedir pelo Colégio Romano^[110]. Uma vez que materialmente posso conseguir tão pouco, pelo menos que peça constantemente ao Senhor que se obtenha tudo o que fizer falta.

Madrid, 25 de setembro de 1959^[111]

Padre,

Gostava que esta carta lhe chegasse às mãos antes do dia 2 de outubro^[112], para o Padre ter a certeza de que, nesse dia, de modo muito especial, vou pedir ao Senhor o que o Padre pedir e vou agradecer o que o Padre agradece. Pondo-me, como faço continuamente, nas mãos de Deus, do Padre e das minhas irmãs, dizendo simplesmente que quero servir, para o que me disserem. [...] Dia a dia, tenho mais gosto no que me pedem para fazer, seja o que for.

Agora, vou ocupar-me bastante com São Rafael, em Montelar[113]. Reze por este trabalho; o número das raparigas que vêm por esta casa é enorme; são ótimas e poderiam entender-nos completamente e integrar-se na Obra. [...]

Padre, graças a Deus, estou forte, com um coração jovem e saudável, mas cada dia maior. Quantas coisas cabem cá dentro e com que intensidade se ama em Casa!

Madrid, 21 de novembro de 1959[114]

Padre,

[...] Quero contar-lhe coisas do trabalho de São Rafael, em Montelar[115], que é o que este ano me ocupa quase todo o tempo e onde, depois de rezar por Roma, pelo Padre e pelo mundo inteiro, acaba sempre a minha oração, concentrada nos nomes das raparigas com quem nos damos ali. Têm, na sua maioria, um ar muito moderno e poucas coisas sérias dentro da cabeça. Mas, quando as conhecemos melhor, que boas e desejosas de se encher de outra coisa! Padre, temos de as ajudar muito. Reze por elas e reze por nós. Que saibamos ver por detrás desse aspeto as potencialidades de cada uma e que surjam muitas vocações. O ambiente está a aquecer. Vão tendo inquietação espiritual. Conhecem a Obra através dos círculos de São Rafael[116] e do contacto com as nossas casas e connosco. Começam a ter direção[117]. E já estamos a preparar o segundo retiro em Molinoviejo. Querem trabalhar e ser úteis e organizámos, juntamente com os dispensários de dois subúrbios de Madrid, catequeses, pequenas escolas para crianças pobres, círculos e aulas para operárias, costuras, etc., e já temos quase 100 raparigas de São Rafael a trabalhar. Poderia contar-lhe pormenores maravilhosos. Hoje, apareceu uma rapariga (de uma família conhecidíssima, que, no início do ano letivo, era uma menina frívola) com um ramo de flores imponente, e perguntou-nos, toda corada, se podia colocá-lo junto do Sacrário. Muitas delas fazem um tempo de oração. Quase todas cumprimentam o Senhor quando chegam e quando se vão embora. São pequenos pormenores que nos enchem de alegria.

Madrid, 29 de setembro de 1961[118]

Padre,

É verdade que dói muito ver que há pessoas que não entendem. Mas dá muita alegria ver quantas – cada vez mais - precisamente porque veem que é urgente chegar a tempo - a muitas atividades e a muitos setores - se entregam com todas as suas forças e se fundem no trabalho, esquecendo-se dos seus pequenos problemas pessoais. É para dar muitas graças a Deus.

Padre, o melhor fica por dizer, porque sou incapaz de o expressar. Mas o Padre já o sabe: aqui me tem, quero servir com toda a minha alma.

Valência, 2 de fevereiro de 1973[119]

Querido Padre,

Estou a passar alguns dias em Valência por motivos profissionais e quero escrever-lhe uma carta daqui.

A razão foi dar uma conferência na Feira Textil-Hogar 1973. Já acabou tudo e penso que correu bem. Estas coisas não me tiram o sono, apesar de me preparar bem e tentar dar todo o meu melhor.

A parte mais importante do meu currículo é ser professora do Centro de Estudos e Investigação em Ciências Domésticas [CEICID]; isto enche-me de alegria. Às vezes, penso que já não tenho forças físicas para estes trabalhos, mas vou fazendo e parece que o Senhor se empenha em que o faça, porque tudo corre bem e quase não há maneira de dizer que não.

Padre, lembro-me muito bem da sua visita a Madrid, ao centro do CEICID e de tudo o que nos disse. Reze por nós e por mim especialmente, para que faça sempre o que Deus quer.

Os médicos voltaram a ver-me e o meu coração parece estar a crescer (que doença tão profunda...). Enfim, o importante é que seja tudo para Deus (grande ou pequeno).

[94] S. Josemaria, Sulco, n.795.

[95] AGP, GOL A-00328.

[96] AGP, GOL A-00320.

[97] AGP, GOL A-00330.

[98] Cfr. nota n. 68.

[99] AGP, GOL A-00332.

[100] Refere-se ao exame de consciência de um aspeto concreto em que se quer melhorar, para adquirir uma virtude ou arrancar um defeito. Cfr. “Exame de

consciência”, por Juan Ramón AREITIO em Illanes, José Luis (Coord.), Dicionario de San Josemaría Escrivá de Balaguer, Monte Carmelo, 2013.

[101] AGP, GOL A-00334.

[102] AGP, GOL A-00337.

[103] Sardana: dança típica catalã.

[104] AGP, GOL A-00340.

[105] AGP, GOL A-00345.

[106] Cfr, nota 82.

[107] AGP, GOL A-00022.

[108] AGP, GOL A-00026.

[109] Cfr. nota n. 23.

[110] O Colégio Romano de Santa Maria é um centro interregional para a formação de mulheres do Opus Dei, com sede em Roma, erigido por S. Josemaria. Cfr. “Colegio Romano de Santa Maria”, por Gertrud LUTTERBACH em Dicionario de san Josemaría Escrivá de Balaguer, Monte Carmelo, 2013.

[111] AGP, GOL A-00462.

[112] O dia 2 de outubro é a data do aniversário da fundação do Opus Dei. Durante um retiro espiritual em Madrid, S. Josemaria Escrivá fundou o Opus Dei, em 1928.

[113] Cfr. nota n. 32.

[114] AGP, GOL A-00463.

[115] Cfr. nota n. 32.

[116] Os círculos de São Rafael são aulas breves e práticas de formação cristã dirigidas a jovens. Nessas aulas, aprendem a pôr em prática as virtudes naturais e sobrenaturais, com o fim de se tornarem homens e mulheres de oração e para viverem uma vida mais cristã.

[117] Refere-se a que começam a ter direção espiritual habitualmente.

[118] AGP, GOL A-00471.

[119] AGP, GOL A-00485.

[Voltar ao índice](#)

IV. DESEJOS DE SERVIR

Trabalho para Deus

Guadalupe aprendeu com S. Josemaria a converter a prosa do quotidiano em versos endecassílabos, a descobrir que o ponto de encontro com Deus era o seu trabalho. Graças ao seu coração apaixonado, soube ver Deus entre fórmulas químicas, na direção de uma residência universitária, no cuidado da casa e nos trabalhos de governo do Opus Dei. A vida de Guadalupe ensina-nos que qualquer ocupação nobre é um caminho de união com Deus, que qualquer trabalho – o que tem brilho e o que passa despercebido - pode levar ao Céu. Guadalupe, com o seu trabalho bem feito, com a sua responsabilidade e compromisso, oferece um exemplo para a pessoa normal, para o cristão comum que também quer descobrir esse "algo divino" em cada uma das tarefas profissionais.

Madrid, 31 de dezembro de 1945[120]

Padre,

Disseram-me que o Padre tinha rezado muito por mim no dia do meu onomástico. Que contente fiquei! e nota-se mesmo que muitas vezes se lembram de mim! Agora, estou encarregada da roupa e da limpeza, como nunca tinha estado. Em muitas coisas, estou completamente enganada, e sou tão tola que muitas vezes, sem qualquer experiência, digo o que me vem à cabeça com uma tal segurança que chega a ser irritante; costumo fazer isso sem me aperceber bem e logo a seguir, compreendo e retifico. Em geral, estou a reparar em defeitos muito grandes que nem conhecia. Tenho, por exemplo, um espírito de contradição enorme e com as minhas ideias um pouco extravagantes, às vezes (só para ser do contra) crio pequenas discussões entre nós. Que feios recantos os meus! E tenho tanta vontade de os arrancar que quando dou conta deles e digo à Nisa, acho que não vou voltar a fazer o mesmo, e... em menos de um minuto, já cá. Ainda bem que a Nisa está sempre atenta e me ajuda imenso, corrigindo-me sempre. Como lhe estou agradecida!

A oração, nesta altura, custa-me bastante e distraio-me muito; a leitura, não a fiz durante vários dias. Fizemos o Presépio com as figuras que a Carmen nos enviou; ficou bonito, depois de dois dias a mudar montanhas de sítio. O Menino vai ficar contente! Queria pedir-Lhe que me ajude muito este ano a conseguir aquela caridade fina de que tanto preciso! Diga-Lhe também o Padre para a sua filha.

Bilbao, agosto de 1946[121]

Padre,

Continuo uma desgraça: no outro dia, quando estava a preparar uns purificadores, enganei-me e tirei mal os fios (depois, conseguiu-se arranjar, mas atrapalhei-me) e sou muito trapalhona a coser, por não estar bem atenta e querer fazer depressa. Houve dias em que fui para a cama mais tarde e como, além disso, sou dorminhoca, em dois dias, à tarde, estava a escrever a cair de sono e resolvi dormir, só cinco minutos (mas estive mal, eu sei), em cima dos papéis. [...] A oração, a presença de Deus, etc. são à base de pedir e estar atenta às minhas irmãs [...] e ao serviço. [...]

Madrid, 4 de julho de 1949[122]

Padre,

A Residência está quase vazia, temos só três raparigas residentes, as outras somos de Casa. Já temos o último andar e o sótão arrumados, limpos e sem uso. Que boa altura para conseguir a casa do lado e juntar tudo. Reze muito por isto, Padre. [...]

Eu, contente e a pedir ao Senhor que me torne menos teimosa (tenho pouco jeito) e é por isso que às vezes, mesmo tendo muito boa vontade, não obedeco bem. Que havemos de fazer! Mas eu, como quero ser o mais útil possível, quero raciocinar melhor e rezo por isso. Se não mo conceder, tão contente!

Não sei se já lhe disse que estou a fazer a tese nos tempos livres (que são poucos), mas se Deus quiser, acabo em outubro. [...] Tenho que ir ao laboratório; lá também há raparigas com quem fazer apostolado e assim, aproveito o pouco tempo que lá passo. Reze por elas. [...]

Molinoviejo (Segóvia), 24 de julho de 1949[123]

Padre,

[...] Nesta casa, vive-se com muita tensão[124], garanto-lhe, mas ainda tem que ser mais. Por vezes, ao vê-las todas contentes e a trabalhar bem, parece que já conseguimos tudo, e esquecemo-nos de que o nosso trabalho é nada mais nada menos do que ensiná-las a ser santas, sendo nós santas. Temos que melhorar muito em tudo. Às vezes, vejo-o muito claramente. [...]

Amanhã, volto para Zurbarán. Conseguir-se-á ampliar a Residência? Reze muito por isto: permitirá facilitar o trabalho, aumentá-lo e resolver a questão económica. Padre, sei que lhe vou dar um desgosto, mas neste ano, também houve déficit. Ao todo, 36 000 pesetas. Poder-se-ia ter evitado com mais espírito de pobreza. Lamento especialmente não termos estado mais atentas à luz elétrica. Mas, no resto, creio que melhorámos

bastante. Estamos a fazer tudo por tudo para ter residentes para ambas as casas. Reze também por isto, para que fique cheia logo no início de outubro.

Madrid, 18 de agosto de 1949[125]

Padre,

[...] Acho que estamos a ficar com experiência nisto da Residência e muitos dos problemas deste ano letivo estão bem encaminhados. Tomamos notas de tudo.

Estou um pouco obcecada com a Residência nestes dias e quando me envolvo em alguma coisa, ultrapasso os limites (tenho esse defeito), porque nem na oração consigo distanciar-me e continuo a pensar nela. Claro que me acontece isto desde que o Pe. José Maria escreveu de Santiago a dizer "que me ocupasse intensamente da Residência".

Na minha vida espiritual, uma coisa destas tomada tão a sério afeta-me imenso. Precisamente agora que estava numa época em que tinha uma presença de Deus tão palpável que o efeito da oração às vezes durava horas, e desde que tenho esta preocupação por conseguir residentes [...] mudei. Não me interessa se sinto alguma coisa, o que quero é portar-me bem e continuar no caminho que devo seguir. Por isso, a minha dúvida é sempre se não me esforcei o suficiente para fazer bem a oração e o plano de vida, em geral. [...]

Madrid, 1 de novembro de 1949[126]

Padre,

Já temos a casa um pouco mais organizada. Durante estes dias, tenho estado ocupada na administração [doméstica]; meti-me na cozinha, e gostei muito. Há muito tempo que não o fazia... desde Bilbao. Padre, agora tenho a certeza de que não me importo nada de estar à frente de alguma coisa ou a obedecer e ocupar-me do que for. Pensava nisso na oração, e parecia-me que seria assim, e na prática, vi que assim era e dei graças a Deus por me dar a segurança de que o que se pensa na oração com sinceridade é sempre verdade. O Padre sabe o que quero dizer, tenho a certeza. Hoje, como há muito trabalho em Lagasca, porque o serviço falha, a Nisa e eu vamos lá, até que fique tudo um pouco mais organizado. Vamos tentar trabalhar muito e pensar também a fundo.

Nestes dias, falhei muito no cumprimento das normas de piedade[127]; com a mudança de casa e o trabalho, despistei-me muito, mas já fiz propósitos para não voltar a acontecer. [...]

Cidade do México, 22 de julho de 1953 [\[128\]](#)

Padre,

A cada dia que passa, todas as casas vão estando mais organizadas. Passámos uns meses terríveis, porque fizemos a mudança das três casas da Cidade do México e da de Monterrey, ao mesmo tempo: parecíamos loucas. Mas agora, graças a Deus, estão todas a ficar lindas. Estou certa de o Padre as vai ver em breve. Não pensa em cá vir, Padre?

Desde que temos oratório, tudo vai melhor, e as raparigas estão muito mais centradas.

Além disso, estou a distribuir responsabilidades a cada uma. [...] Fico eu com a formação das nossas [...] e com os problemas económicos (porque ainda não há ninguém que mos possa resolver).

Que lhe parece, Padre? Reze muito por nós, para que cada uma se dedique mesmo ao que tem entre mãos. Temos uma casa que, bem aproveitada, pode funcionar maravilhosamente. [...]

Cuautla (México), 14 de setembro de 1953 [\[129\]](#)

Padre,

O retiro está a chegar ao fim. Éramos 23. Graças a Deus, toda a gente se esforçou e o Pe. Pedro tornou clara para cada uma (para mim, em primeiro lugar) a consciência do nosso dever e responsabilidade. Estou muito contente, Padre, por mim e pela disposição que vejo nelas. [...]

Penso que está a começar uma nova etapa no México. Praticamente, está reunida toda a Assessoria. Quero distribuir responsabilidades. Talvez, para isso, a única dificuldade seja mesmo eu. É muito difícil eliminar-me [\[130\]](#), uma vez que, até agora, tenho tratado um pouco de tudo - a direção das nossas, as administrações domésticas, o apostolado, etc. Estou disposta a tentar. Para mim, é exatamente a mesma coisa continuar sempre assim ou, se pensam que é melhor, ser a última durante algum tempo. Padre, aqui me tem. No fundo, para ser totalmente sincera, penso que se pudesse passar a última época da minha vida a obedecer mais diretamente e sem mandar nada (se isso fosse, naturalmente, a vontade de Deus), não seria nada mal.

Cidade do México, 19 de março de 1956 [\[131\]](#)

Padre,

Gosto muito que venham para o México pessoas de Roma. [...] Há imenso trabalho à espera, e o Padre sabe que tenho estado à frente já há tempo demais.

Na semana passada, passei dois dias em Cuautla para arranjar a casa da Gabriela (uma senhora da Obra) que no-la empresta para um retiro de raparigas de S. Rafael, porque Montefalco já não chega para tantas. Trabalhámos muito, a montar o oratório e a mudar tudo, mas fiquei muito contente por ver que é assim que descanso mais, a trabalhar fisicamente e deixando de pensar um pouco em tudo o que me cai em cima.

Reze muito por mim: penso que neste ano é preciso dar um impulso espiritual, e eu devo ser a primeira. Até agora, pedi e esforcei-me para conseguir essas virtudes indispensáveis em casa (piedade, trabalho, alegria, apostolado, espírito de sacrifício, etc.), e foi isso que pedi e procurei também para todas. Agora vejo que é preciso aprofundar; que já deve haver na Região almas contemplativas que desejem e peçam coisas mais finas espiritualmente. Que as saibam apreciar. Ajude-me a consegui-lo de Deus. Se eu não servir para isso, que não seja um obstáculo para que outras o consigam. Que tenha a graça de Deus para as guiar e encorajar por esses caminhos, e que eu tenha também o desejo de os experimentar; e humildade e paciência para compreender também, que talvez Deus não queira isso para mim, mesmo que eu o deseje com toda a minha alma. [...]

Madrid, 1 de outubro de 1962[132]

Padre,

Amanhã, dia 2 de outubro, vai ser, como todos os anos, um dia cheio de agradecimento ao Senhor e ao Padre. Quantas coisas boas para recordar: o Estudio General[133], as vocações que chegam, a perseverança e o ver como, apesar dos milhares de falhas, cada uma está a crescer; e não só na idade, que isso não tem graça, mas na segurança e serenidade dentro da Obra.

Aqui nesta casa, com as suas três portas: a Assessoria, a Administração e a Escuela-Hogar refletem-se todos os trabalhos e é fácil viver e rezar por cada um. [...]

De mim, o de sempre, muito contente e com desejos de fazer bem e servir naquilo que me foi confiado: ajudar as minhas irmãs da Assessoria, realizar bem este trabalho de S. Gabriel de Montelar e, através dele, mobilizar muita gente, vocações de todo o tipo, cooperadoras[134] e ajuda económica. E o meu trabalho profissional, as aulas no Instituto que ainda é o Maeztu, mas que talvez em breve seja uma escola secundária feminina. Adoro ensinar e é impressionante o que se pode fazer...

Cumpro as normas [do plano de vida] com carinho, rezo por tudo e agora, como o Padre nos disse, pelo Concílio.

Madrid, 30 de dezembro de 1964[135]

Padre,

Desde que o vi em Pamplona, tenho estado ansiosa por lhe escrever. Como gostei desses dias! Não perdi nenhuma ocasião de ver o Padre e de o ouvir; umas vezes com um pouco de direito a isso e outras sem ele. Mas ali estive, em todo o lado, misturada na multidão; gosto de me sentir mais uma e saber que é isso que eu sou, sem distinções nem timidez.

Escrevo-lhe no fim de uns dias de retiro, depois de ter pensado, mais uma vez, no que vai mal e com verdadeiro desejo de retificar. Os meus propósitos são amar e ajudar mais as minhas irmãs (porque são, além do Padre, o que mais amo no mundo) a começar pelas da minha casa; e para isso tenho de recorrer muito a Nossa Senhora.

Se as coisas correrem como parece, muito em breve defenderei a tese (a minha orientadora é Piedad de La Cierva); pode ficar um trabalho original e bonito (agora o perigo é que alguém se adiante e publique algo semelhante). Trabalhámos muito.

Se saírem concursos para a Formação Profissional, onde agora sou professora, estou disposta a candidatar-me e também a desistir de tudo, quando me disserem.

Sabe onde fica o Instituto Laboral Oficial Femenino onde dou aulas? No antigo Palácio de Miranda. Ocupa todo o quarteirão (García Morato, Nicasio Gallego e Covarrubias), mesmo em frente ao Patronato dos Enfermos[136]. Se visse quanto penso nas vezes que o Padre terá passado por ali... Sonho com o apostolado que lá se pode fazer – agora, é frequentado por cerca de 1000 alunas de 12 a 20 anos ou mais -, e mesmo assim algumas especialidades não começam.

Há poucos dias, uma das minhas alunas apitou [137] na Obra; há também um grupo muito bom de professoras... Padre, como pode ver, relaciono-me com muita gente, senhoras e raparigas de origens muito diferentes. [...] Lembre-se de rezar por elas.

Madrid, 8 de julho de 1965[138]

Padre,

Nestas páginas[139], vai o resumo de muitas horas de trabalho. Há momentos atrás, acabou de ser classificado com “aprovado com distinção e louvor” e quero colocá-lo imediatamente nas suas mãos, com tudo o que eu sou e tenho, para servir.

La Pililla (Ávila), 6 de fevereiro de 1967[140]

Padre,

Há muito tempo que não lhe escrevo; estive à espera dos resultados do concurso e de lhe poder dizer que consegui. Foi um ano dedicado em grande parte ao estudo (cerca de 2000 horas) e no último trimestre aos exames (passei em 15 provas, todas eliminatórias:

orais, escritas, práticas...). Nos primeiros a que me apresentei, que eram do "Ensino Médio"[\[141\]](#), chumbaram-me no penúltimo exercício... (acho que foi aquele que fiz melhor). Não há maneira. Mas nos de "Formação Profissional", que eram os que mais me interessavam, por ter quase a certeza de que ficava em Madrid, na Escola Técnica Industrial Feminina, passei. Portanto, vou continuar a dar aulas de Física e Química onde já estava há 4 anos (Rua García Morato, na esquina com Nicasio Gallego), em frente ao Patronato dos Enfermos, tão cheio de memórias para o Padre e para todos.

Só quero dizer-lhe que, como tudo o resto, este novo passo no meu trabalho profissional está nas suas mãos... (não me prende nada, graças a Deus).

Padre, vi-o em Molinoviejo, no dia 2 de outubro. Assisti à consagração do Altar do Pavilhão e gostei muito. Depois, o Eduardo, numa das suas viagens a Madrid, contou-me que tinha estado com o Padre... como médico. Fico contente ao pensar que as famílias de todas as pessoas em Casa vão ficando unidas por muitas razões.

Los Rosales (Madrid), 9 de janeiro de 1969[\[142\]](#)

Eu, Padre, desejava de servir agora neste novo trabalho: a Faculdade de Ciências Domésticas, onde se concluíram as primeiras equiparações a Licenciatura. Foram três meses intensos.

Também já terminou o primeiro trimestre do Diploma (1º ano do curso), que frequentam cerca de 40 numerárias do centro de estudos[\[143\]](#) Zurbarán. Dei aulas aos dois grupos e no ensino dei tudo aquilo de que sou capaz. É uma nova alegria que tenho de agradecer a Deus e ao Padre, que o meu trabalho profissional possa ser útil nesta atividade tão querida em Casa: administrar [a casa].

Estamos a dar os primeiros passos. Reze muito por nós. Tivemos alunas de seis nacionalidades. Agora, algumas estão a começar os doutoramentos. Precisamos de muita ajuda. Saber que o Padre reza por nós dá-nos paz.

Madrid, março de 1971[\[144\]](#)

Padre,

Estou contente, rezo, relaciono-me com muita gente e estudo, além de dar aulas. Na Faculdade, estamos a preparar – algum deles já está pronto –, pequenos trabalhos em que aliamos a prática da administração [da casa] com os conhecimentos científicos. Ainda não são muito relevantes, mas por algum lado havemos de começar. [...]

La Pililla (Ávila), 4 de setembro de 1973[\[145\]](#)

Padre,

[...] No próximo ano letivo, quero ocupar-me muito e bem das minhas irmãs, do apostolado e da casa. Para o trabalho, também tenho várias metas: dar um passo em frente no concurso para a Formação Profissional Oficial, e a possibilidade de um prémio de investigação com a publicação de um livro sobre Têxteis... tudo sob o ponto de vista das Ciências Domésticas.

Também é possível que, em Pamplona, decidam operar-me... Ir-lhe-ei contando como se passam as coisas ao longo do ano. Reze um bocadinho para que o Senhor, que tudo pode, consiga escrever direito comigo.

Madrid, 13 de janeiro de 1974[146]

Padre,

Estou a fazer a recolção mensal e quero conversar um pouco com o Padre sobre coisas que vou guardando na cabeça para lhe contar. Às vezes, como agora, demoro a fazê-lo, mas conservo-as todas e muitas vezes conto-as no oratório, ao Senhor e ao Padre. [...]

Gostava de lhe contar um episódio: no Instituto onde dou aulas há dez anos (já passei a efetiva por concurso), queriam que fosse eu a Diretora. Primeiro, foi-me proposto pelo Ministério, depois pelos meus colegas (cerca de 40 professores) e tive de fazer um braço-de-ferro para o evitar. [...] Sinceramente, não esperava isto; pelo contrário, pensava que não gostavam muito de mim e que a minha influência era nula no conjunto.

Custou-me ter de renunciar. Poderia ter feito um belo trabalho (com mais de 1000 alunas de 15 a 25 anos). Se isto me tivesse caído em cima há alguns anos! Neste momento, a minha resistência física não o teria suportado. [...]

Nas Ciências Domésticas, defendemos duas teses no meu departamento, neste último trimestre. Uma para equiparação a Licenciatura e a outra, foi a primeira do curso completo. Os trabalhos estão a amadurecer. A última tese tinha um contributo prático muito interessante; fizemos uma parte nos laboratórios de uma fábrica de detergentes muito conhecida, onde nos deram todo o tipo de facilidades e queriam a todo o custo que a Beatriz (a autora da tese), ficasse a trabalhar com eles. Foi uma boa experiência.

Neste Natal, estive na Clínica de Pamplona. Fizeram-me um check-up bastante exigente. Acho que não sinto muito as dores físicas e mantenho uma grande paz no meio de todas as pequenas "peripécias" que têm que me fazer. Como resultado, disseram que tenho as válvulas no mesmo estado que no cateterismo anterior (que foi há cinco anos). Uma ou outra coisita está pior, mas com uns comprimidos vamos compensando. [...]

Reze muito, Padre, por mim e por esta casa, para que todas nós [...] demos o máximo, para que não nos falte generosidade em nada, para que eu saiba ir à frente e ajudá-las. Quero rezar por todas as intenções que preocuparem o Padre: a Igreja, a doutrina, os sacerdotes, e fazê-lo bem, sendo alegre e dando bom exemplo.

[120] AGP, GOL A-00322.

[121] AGP, GOL A-00326.

[122] AGP, GOL A-00357.

[123] AGP, GOL A-00358.

[124] Neste contexto, tensão significa esforço, intensidade para chegar a uma meta.

[125] AGP, GOL A-00359.

[126] AGP, GOL A-00362.

[127] Cfr. nota n. 23.

[128] AGP, GOL A-00432.

[129] AGP, GOL A-00025.

[130] Refere-se à possibilidade de se retirar, de passar a um segundo plano na sua atividade.

[131] AGP, GOL A-00449.

[132] AGP, GOL A-00475.

[133] Refere-se ao Estudio General de Navarra que posteriormente se tornou a Universidade de Navarra.

[134] Os cooperadores são homens ou mulheres que, sem formar parte da Prelatura do Opus Dei, ajudam de diversos modos os seus apostolados para difundir a mensagem cristã.

[135] AGP, GOL A-00037.

[136] O Patronato dos Enfermos era uma iniciativa assistencial fundada por Dona Luz Rodríguez Casanova, fundadora da Congregação religiosa das Damas Apostólicas. S. Josemaria foi capelão do Patronato dos Enfermos desde junho de 1927 até 28 de outubro de 1931.

[137] Um modo coloquial daquela época, em Madrid, de dizer que uma coisa está a funcionar bem, referindo-se neste caso ao facto de solicitar a admissão ao Opus Dei.

[138] AGP, GOL A-00326.

[139] Juntamente com a carta, Guadalupe enviou a S. Josemaria uma cópia da sua tese de doutoramento, recém defendida em Madrid.

[\[140\]](#) AGP, GOL A-00039.

[\[141\]](#) Equivale, em Portugal, aos 7^o a 12^o anos de escolaridade.

[\[142\]](#) AGP, GOL A-00040.

[\[143\]](#) Cfr. nota n. 72.

[\[144\]](#) AGP, GOL A-00484.

[\[145\]](#) AGP, GOL A-00044.

[\[146\]](#) AGP, GOL A-00045.

[Voltar ao índice](#)

V. EIS-ME AQUI!

Caminho e missão

Quando Jesus viu Mateus a desempenhar o seu trabalho de cobrador de impostos, aproximou-se e chamou-o: "Segue-Me!" De igual modo, chamou Guadalupe no meio do seu trabalho quotidiano. "Penso que tenho vocação", foi o que Guadalupe disse a S. Josemaria quando o conheceu. E a resposta animou-a a investigar a vontade de Deus: "Não posso dizer-te isso. Se quiseres, posso ser o teu diretor espiritual, confessar-te, conhecer-te...". Deus chama e o homem responde. Guadalupe procurava responder a Deus com a mesma atitude de Mateus; também ela se levantou e seguiu o Senhor pelo caminho que Ele lhe tinha preparado no Opus Dei. "Se me perguntarem como se nota o chamamento divino, como se percebe, direi que é uma visão nova da vida. É como se uma luz se acendesse dentro de nós; é um impulso misterioso que leva o homem a dedicar as mais nobres energias a uma atividade que, com a prática, chega a ser como que uma segunda natureza. Essa força vital, que tem um quê de avalanche irresistível, é o que alguns chamam vocação[147]. Estas palavras de S. Josemaria ajudaram Guadalupe a compreender o que lhe tinha acontecido.

Bilbao, 17 de março de 1946[148]

Padre,

Que alegria tenho ao dizer-lhe eis-me aqui, agora à frente e amanhã no último lugar, sempre contente, porque sirvo o Senhor. Dia a dia tenho mais confiança na Sua ajuda e menos nas minhas forças e, por isso, logo que a Nisa me disse que se ia embora[149], pedi-Lhe que não se separasse de mim nem por um instante; quero levar a casa aos ombros com Ele a todo o momento e empurrar as minhas irmãs na Sua direção. [...]

Bilbao, 30 de abril de 1947[150]

Padre,

[...] Como estou sempre a falar-lhe do andamento da casa, etc., hoje vou ser um pouco egoísta e contar-lhe coisas minhas. A primeira é que, no dia da Ascensão, faz muitos anos que vim morar em Casa, e quero com toda a minha alma fazer a Fidelidade[151]. Estou a pedir muito por isso ao Senhor, e não pense, Padre, que embora seja muito novinha no meu modo de ser, não me dou conta do que significa.

Padre, posso ter milhares de defeitos, mas tenho uma fé muito grande na minha vocação e na ajuda de Deus, asseguro-lhe, e estou disposta a fazer tudo o que me

disserem sempre com alegria. Às vezes, as coisas vão correr mal, o Padre já sabe, mas hei de pôr todo o meu empenho. [...]

Madrid, 17 de maio de 1947[152]

Padre,

Hoje de manhã, o Pe. Pedro veio a Zurbarán e disse-me que posso fazer a Fidelidade. Que grande alegria! Reze muito para que o Senhor esteja sempre contente comigo e que eu saiba amá-Lo com toda a minha alma. [...] Não sei que lhe dizer, sou muito feliz, tenho muita paz, e devo tudo isso ao Padre e à Obra, pelo que tudo aquilo que Deus me deu (saúde, alegria, etc.) gostaria de o gastar unicamente em trabalhar muito, muito.

Também me falaram da Assessoria[153]; isto, Padre, impressionou-me menos. Talvez ainda não consiga perceber bem o que significa. Só sei é que, onde o Padre quiser, estou disposta a obedecer, a pensar e a trabalhar tudo aquilo de que sou capaz. [...]

Madrid, 31 de agosto de 1948[154]

Padre,

Hoje, termina o nosso curso[155]. Como sempre, penso que todas estamos cheias de desejos e propósitos de nos portarmos melhor. Durante estes dias, pensei muito nos meus defeitos; são muito grandes, mas dá-me muita tranquilidade o facto de ter a certeza de que o Padre e o Pe. José Maria os conhecem melhor do que eu, e quando, ao fazer a confidência, mos dizem, sinto que é precisamente então que me estou a conhecer verdadeiramente como o Senhor me vê. Dantes, tinha uma grande preocupação por ser sincera e gostava de contar as coisas interpretando eu os meus defeitos, etc. E se não o fizesse assim, parecia-me que não me estava a dar a conhecer. Agora, deixei de me preocupar com isso: conto as coisas que faço ou penso, e espero que me digam por onde tenho que atacar e, se for por um lado contrário ao que eu pensava, vejo que estava enganada e não me preocupo mais. Gostava de estar tão unida ao Padre através de quem estiver à frente que, na oração, quase só peço isso. [...]

Amo muito o Senhor, apesar de estar, por vezes, bastante dispersa na oração, custa-me e só penso nos problemas da casa, nas vocações, etc. De vez em quando, há momentos (quando menos espero) em que materialmente não me cabe dentro tudo o que sinto, e sou tão feliz que depois, só de o recordar, dá-me força para o resto do tempo em que não sinto nada.

Padre, peça muito por mim, e por todas estas coisas: que a Residência se encha neste ano e que sejam boas raparigas! [...] Que aquelas com quem nos damos se decidam e

possam ser santas! Que acabe o Doutoramento agora, apesar de estudar tão pouco! Que seja muito dócil para ajudar no que me mandarem durante este ano! Que dê bom exemplo às minhas irmãs! Gosto muito de todas elas! Acho que já contei ao Padre tudo o que queria e estou contente, muito contente. Ajude-me muito, Padre. Diga-me tudo o que faço mal, sem rodeios. Talvez seja a única coisa boa que tenho até agora: sempre recebi com verdadeira alegria as correções que me fazem (apesar de ter pena de ter feito mal as coisas), e à pessoa que o faz, gosto mais dela do que que antes e fico deveras agradecida.

Madrid, 16 de maio de 1949[156]

Padre,

O ano letivo já está a terminar. As raparigas da Residência estão muito bem, contentes e a estudar muito. [...] É incrível ver raparigas que, num bocado de conversa, sem conhecer a Obra de perto, se entusiasma e até se decidem [a seguir este caminho]. Vê-se que o Senhor faz connosco o mesmo que com os Apóstolos quando eles voltavam admirados com o que estavam a fazer.

Mas isto não significa que eu faça as coisas bem. Vejo-me cada vez com mais defeitos. Agora faço o máximo esforço por cumprir as normas[157] e vou conseguindo. A oração geralmente é uma luta para não me distrair, mas ali estou e sei que assim agrado ao Senhor.

Ontem, pelo contrário, foi uma dessas vezes em que tudo se vê claramente. Pedia eu pelas nossas novas (tinha que lhes dar o círculo hoje) e queria que se firmassem totalmente na sua vocação (esta graça que Deus, talvez por me ver mais sem fundamento do que as outras, me deu a mim desde o princípio, sem sequer um instante de dúvida); e, junto do Sacrário, via o nosso caminho tão nítido, tão direito, tão para toda a gente que o pudesse conhecer, com coração ardente e desejos de se aproximar de Deus, que compreendia fisicamente que a única coisa necessária é conhecer a Obra em profundidade para criar raízes.

Padre, senti muitas coisas que não sei escrever, mas tenho a certeza de que o Padre as entende, porque as viveu milhares de vezes, assim como eu as vivia naquele momento. Saí do oratório com vontade de engolir o mundo. O apostolado põe-me louca, embora costume custar-me muito também (pode crer) e, de vez em quando, preferia até carregar baús. [...]

Cidade do México, 29 de junho de 1950[158]

Padre,

Hoje, gostava de lhe escrever a contar um pouco sobre mim; o Padre já sabe que geralmente me despreocupo demais e, nas cartas, conto-lhe como vão as coisas, que é o que na verdade preenche a minha vida interior e exterior, e só em alguns dias, como hoje, faço uma pausa (ou melhor, é o Senhor que me faz parar para que, afastada de tudo, possa ver num instante o fundo do meu coração e ser mais agradecida a esse amor de Deus que Ele mesmo vai metendo dentro de mim). Sim, Padre, amo muito a Deus. Cada dia mais, com mais força e mais segurança. Mesmo que geralmente não o note de uma forma sensível, mas sim na forma de reagir perante as coisas. Por isso, preciso de o sentir de vez em quando, para ver que a única coisa que interessa é esforçar-me para o manter e assim o próprio Deus há de purificar a minha vida.

Desejo tanto servi-LO, trabalhando materialmente tudo o que o meu corpo for capaz [...]; e espiritualmente, entregando-me eu totalmente e ajudando as minhas irmãs e todas as pessoas com quem me relaciono, para que cheguem ao máximo! A única coisa que me faz sofrer é isto: a impotência (pela minha falta de ...seja o que for, não sei julgar-me, nem me interessa) para ser mais eficaz.

Padre, eu que sou tão pouco sensível para tudo, vou-me abaixo quando vejo uma falta de generosidade e alguma vez (duas, recordo agora) não fui capaz de resistir sem que se apercebessem e chorei diante de uma delas uma vez; e de outra, que claramente se via diante do problema da vocação e queria, para não se render ao Senhor, fazer uma loucura. Nessas alturas, a minha pena vem de constatar como amamos pouco o Senhor e sinto-me tão culpada como elas, porque acredito sinceramente que, se Deus não me ajudasse tanto, nas suas circunstâncias, seria igual. (Mas isto não me altera nada a paz interior, nem a certeza da minha vocação, nem a confiança na perseverança). Não sei como explicar isto. Reze muito pelo apostolado que se pode fazer. As raparigas abrem-se totalmente, mas precisam de ser formadas, de ser ajudadas, que as levemos pela mão até Deus e isto, às vezes, é difícil. Reze muito por mim; sinto-me pequena, muito pequena, para este trabalho, mas decidida a tudo, obedecendo. Serei sincera até ao fim; acho que não calo nada do que penso que devo dizer. Este é o meu descanso e, graças a isso, sou totalmente feliz. Tanto na oração, como nas cartas que escrevo ao Padre ou ao falar com o Pe. Pedro, esvazio-me de tudo o que me preocupa e sinto-me leve para acolher tudo o que o Senhor quiser carregar sobre mim.

Padre: obrigada por tudo. Hoje, dia de S. Pedro, sinto-me tão unida à cabeça, tão rendida à Obra, que sinto necessidade de lho dizer. A sua carta foi um consolo muito grande para todas; sei que está sempre a pensar em nós. Reze muito por mim e perdoe-me tudo o que lhe fiz sofrer antes e agora, apesar de às vezes ser involuntariamente.

Cidade do México, 1 de junho de 1951[159]

Padre,

Nem imagina a alegria que foi para nós a chegada do Pe. Pedro[160] e todas as notícias tão boas que trazia. [...] Padre, se visse o desejo que as suas filhas mexicanas têm de o conhecer, veria que, apesar de falharmos em muitas coisas, temos um verdadeiro espírito de filiação, pois fomos capazes de fazer com que as nossas irmãs que ainda não o conhecem o vivam a sério. [...]

A mim, só me resta admirar e dar graças a Deus através do Padre e, ao mesmo tempo, pedir lhe que não se esqueça de nós, que reze muito para que esta sua filha, que tem mais coração que cabeça, sirva para este trabalho tão grande, enquanto o Padre pensar que o devo fazer. E que isso me faça sentir com mais confiança cada dia, com a certeza de que Nossa Senhora me vai ajudar, agora e no futuro, quando estas nossas irmãs que acabam de chegar à Obra tiverem crescido, e o meu posto for mais escondido. Se visse quantas vezes penso nisso e como me dá paz!

Cidade do México, 16 de novembro de 1952[161]

Padre,

No domingo passado, tivemos em Copenhague [162] a primeira recoleção de operárias: vieram 70. Pregou o Pe. Pedro. Havia raparigas ótimas. O Pe. Juan Antonio esteve a confessar imensas antes da Missa. Ficaram todas muito contentes. [...] Na quinta-feira, houve recoleção de senhoras. Vieram 40. Apitou[163] outra Supranumerária. Há um ambiente muito bom, e podemos ajudá-las imenso. Faz muita pena ver o ambiente de frivolidade em que vivem, mesmo as mais piedosas, e sentem-se vazias e tristes. Querem outra coisa, e a Obra vai dar-lhes isso, não é verdade? Reze muito por elas e por mim, porque nunca pensei que teria de intervir nestas coisas e só a ajuda de Deus faz com que elas se abram comigo, etc., não lhe parece? [...]

Cidade do México, 28 de fevereiro de 1954[164]

Padre,

[...] De mim, não sei o que lhe dizer; Deus faz com que tudo corra sem grandes dificuldades, mas, ao olhar para dentro, por vezes, vem-me a tristeza (é a única coisa que me põe triste). O Padre já me conhece; sou um animalzito, forte, alegre, com muito bom coração de vez em quando, mas insensível outras vezes. Na Basílica, no dia 14, pedi a Nossa Senhora que nos ajude como até agora (mais, creio que é impossível).

Pede-lhe a bênção esta sua filha que nunca lhe consegue explicar o que a Obra e o Padre significam para mim, a não ser com a rendição total e absoluta. Padre, aqui me tem.

Cidade do México, 12 de dezembro de 1955[165]

Padre,

Esta manhã, o Senhor ficou no oratório do Centro de Estudos para sempre; tem a imagem da Puríssima (um quadro grande), e o altar é de mármore verde e dourado (o mármore é de imitação, mas fica lindo). O sacrário, de madeira dourada com porta de vidro. Fez-se tudo no ateliê onde a Aurora está a aprender a dourar e esculpir. Reze muito por esta casa, para que todas as vocações que passarem por ela, perseverem até ao fim, e sejam muito santas.

Hoje, como é o meu onomástico e, no México, ninguém se esquece desta data, veio muita gente à Missa cá em casa para rezar por mim na comunhão; senti que havia muita gente a pedir por mim e já sei que o Padre também rezou, assim como todas as minhas irmãs de muitos cantos do mundo. Também recebi uma carta da minha família: parece que estão todos cada vez mais próximos da Obra. Escrevem-me felizes, sobretudo o Eduardo e a Laurita (que são de Casa). [...]

Para tudo isto, que Deus quer que se vá fazendo, como o Padre diz, só é preciso santidade pessoal. Eu quero tê-la, mas compreendo que falta muito. Cumpro as normas[166], tenho vontade de servir, engulo o meu mau génio, (que é bem forte), estou sempre contente, mas daí a ser alma contemplativa e santa, falta muito ainda; mas também não sei por onde lutar para o conseguir; reze muito, muito, por mim. Quero fazer tudo o melhor possível, mas às vezes faço asneira; não há maneira.

Reze muito também pelas mais velhas da Região, para que juntas façamos tudo. Sei que o Padre não quer que o governo da Obra seja pessoal; nem o quer Deus, nem o quero eu. Pode ter a certeza. E ponho o maior empenho em distribuir responsabilidades e em fazer as coisas de acordo com todas, submetendo-me a outras opiniões muitas vezes. Padre, já estou há muitos anos à cabeça; não seria bom começar a estar aos pés? Mas já sabe que aqui, ou onde me puser, estarei contente a servir a Deus na Obra.

Montefalco (México) 15 de fevereiro de 1956[167]

Padre,

Estou a escrever-lhe de Montefalco, onde vim acompanhar um retiro das nossas. [...] Parece que o fizeram muito bem e que, com a ajuda de Deus e do Padre, vai começar no México uma época de expansão e profundidade espiritual. Não sabe como o estou a

pedir a Deus para mim e para todas. Faz-nos falta. A direção espiritual já está mais organizada: em todas as casas há um confessor fixo, e todas as que estamos à frente nos vamos dando conta de que temos essa enorme responsabilidade de saber ser e ajudar a ser santas. Estou muito contente; há em casa umas filhas suas com muito bom espírito e dóceis; acho que tudo lhes parece pouco para fazer e entregar.

Nas refeições, estivemos a ler a vida de S. João da Cruz, mas nada do que diz nos assusta; e embora o nosso espírito seja diferente, não o é por ser mais fácil, nem pensar. Como se vê claramente que a nossa entrega (se a vivemos bem) é imensa. Não pode ser maior. [...]

Madrid, 28 de maio de 1959[168]

Padre,

Ontem, estive cá a Maria Elena a contar-nos muitas coisas de Roma, na tertúlia, e gostámos imenso. Contou-nos as coisas que tinha ouvido do Padre e tentei que tudo me ficasse bem gravado na memória: Fidelidade, felicidade, lealdade. Procurei vivê-lo desde que estou em Casa (há mais de quinze anos), com todas as forças. O Senhor, o Padre, e as minhas diretoras sabem disso, e procurarei fazê-lo cada vez com mais empenho. A Obra sou eu própria e não poderia já ser de outra maneira. Que alegria senti-lo tão nitidamente e sempre, desde o primeiro dia e cada vez mais!

Padre, reze muito por todo o trabalho com as Cooperadoras. Estamos a relacionar-nos com muita gente de todos os ambientes com um nível social alto e há muito por fazer. Também nos bairros pobres, onde temos os dispensários[169] e as catequeses, vamos ajudando as pessoas mais simples. Hoje, precisamente, foi a romaria[170] de um grupo de raparigas que se reúnem aos domingos de manhã e têm círculo em Valdebebas (com operárias dos 18 aos 20 anos) e vê-se como se aproximam do Senhor

Estou forte, Padre, e penso que por onde me coseram[171], já não me rompo; portanto, pode carregar-me, que o burrinho está para isso mesmo.

Madrid, 7 de fevereiro de 1960[172]

Padre,

Os meus parabéns por esta data, a recordação cheia de agradecimento por tudo o que recebi em Casa e o meu carinho cada vez maior pelo Padre, pelas minhas irmãs e pelo trabalho que tenho entre mãos, que sempre me parece o melhor. [...]

Padre, fiquei muito contente por saber que a Assessoria Central já está completa. Rezo com força por todas as minhas irmãs, concretamente pelo trabalho de governo em todo o mundo e, de um modo especial, pelo trabalho de São Gabriel. Como sempre,

estou cheia de entusiasmo com o que faço agora e com o que, em cada momento, dispuserem de mim. O Padre sabe que humanamente sou uma nulidade, mas com a ajuda de Deus e da Obra, nada me assusta.

Madrid, 19 de março de 1960[173]

Padre,

Hoje, dia de S. José, lembrei-me imenso do Padre e quando, na Missa, [...] fazia baixinho a renovação da minha fidelidade, disse uma vez mais ao Senhor que me conceda essa lealdade humana e divina que aprendemos a viver em Casa, desde o primeiro dia, e que, com o passar do tempo, se torna mais forte e mais firme. Sim, Padre, assim o noto. Aumenta a liberdade de espírito e a segurança da perseverança final. Queria afinar mais cada dia, no grande e no pequeno, externa e interiormente; no que toda a gente vê e serve de estímulo aos outros e naquilo que só Deus e as minhas diretoras[174] e o Padre veem, porque me alegra que elas e o Padre me conheçam tão bem como o Senhor. Também pedi vocações, milhares de vocações, milhares de vocações em todo o mundo e, em concreto, nomes de pessoas com quem nos relacionamos. Há nomes que nunca esqueço e, para as ajudar, tudo me parece pouco.

Padre, já me conhece, se alguma paixão me domina é o apostolado[175]; acho que o meu entusiasmo é maior cada dia. Cresce com a idade e gosto muito de ver que os anos —como o Padre nos disse muitas vezes— não são obstáculo para fazer um trabalho de São Rafael mais direto. Eis-me aqui outra vez, a viver esses momentos em que uma rapariga entrega a sua vida ao Senhor. Reze por elas. [...]

Madrid, 14 de fevereiro de 1963[176]

Padre,

Hoje, como em todas as grandes festas[177], lembrei-me imenso do Padre. Na tertúlia com as de Casa, recordámos os primeiros tempos e dei graças por tudo uma vez mais: pela perseverança, pois ao sentir o caminho percorrido, cada vez se vê mais firme e isso provoca uma imensa paz. Dei graças e pedi pelas vocações. Há muitas, mas fazem falta mais ainda. Agradeço ao Senhor, como uma delicadeza para comigo, o facto de ter estado sempre rodeada de muito trabalho apostólico. Sinto-me mais ou menos como as mães a quem Deus dá muitos filhos.

Também agradeço esta época de formação intensa. Adoro estudar e ensinar. Gosto imenso tanto das aulas de Filosofia, a que vou como aluna, como das aulas de Física e Química que dou como professora (no meu trabalho profissional).

Madrid, 19 de março de 1963[178]

Padre,

Escrevo-lhe enquanto faço oração. Olho para o Senhor, lembro-me do Padre e vejo-me a mim por dentro. Todos de acordo. Tenho paz, confiança e segurança no Senhor e no Padre (que para mim são também a Obra e as minhas irmãs, não consigo separá-los). E sem me dar conta, começo a agradecer e a pedir.

Obrigada por tudo, Padre; eis-me aqui, como sempre. Trabalho, faço apostolado e rezo o melhor que posso. Quero fazê-lo melhor e se o Padre se lembrar de rezar por mim, talvez consiga. Hoje, faz 19 anos que lhe escrevi pela primeira vez a pedir a admissão e acho que lhe dizia quase a mesma coisa. E espero repeti-la como uma “lengalenga” durante toda a minha vida.

[147] Carta de S. Josemaria Escrivá, 9-I-1932, cit. em Andrés VÁZQUEZ DE PRADA, Josemaria Escrivá, vol. I

[148] AGP, GOL A-00004.

[149] Nisa era a diretora do centro de Bilbao. Quando Nisa se mudou para Madrid, Guadalupe passou a ser ela a diretora.

[150] AGP, GOL A-00343.

[151] No original: “aquilo”. Refere-se, sem necessidade de o expressar, à Fidelidade, a incorporação definitiva na Obra.

[152] AGP, GOL A-00010.

[153] Nesse momento, Guadalupe fora nomeada para trabalhar no governo da Obra.

[154] AGP, GOL A-00013.

[155] Refere-se ao curso anual. Cfr. nota 82.

[156] AGP, GOL A-00015.

[157] Cfr. nota n. 23.

[158] AGP, GOL A-00376.

[159] AGP, GOL A-00385.

[160] Casciaro. Cfr. nota 1.

[161] AGP, GOL A-00402.

[162] Primeira residência universitária do Opus Dei no México.

[163] Cfr. nota 137.

[164] AGP, GOL A-00499.

[165] AGP, GOL A-00447.

[166] Cfr. nota n. 23.

[167] AGP, GOL A-00448.

[168] AGP, GOL A-00460.

[169] Estabelecimento que presta atendimento médico e distribui medicamentos. (NT)

[170] Refere-se ao costume de, no mês de maio, visitar Nossa Senhora num local a Ela dedicado, rezando o Rosário. (NT)

[171] Refere-se à cirurgia a que foi submetida em julho de 1957. (NT)

[172] AGP, GOL A-00376.

[173] AGP, GOL A-00032.

[174] No original: “minhas superiores”. No ano em que Guadalupe escreveu esta carta, o Opus Dei ainda não era uma Prelatura Pessoal, mas estava enquadrado na configuração jurídica própria dos Institutos Seculares. Essa roupagem jurídica é a causa de que existam certos termos que se diferenciam dos que são empregados no atual contexto da Prelatura Pessoal. Concretamente, o termo “superiores” procede mais de uma assimilação do vocabulário próprio de Religiosos e Consagrados, que dificulta a compreensão verdadeiramente laical da realidade a que se refere. Para mais informações sobre o Itinerário jurídico do Opus Dei, cfr. A. de Fuenmayor, V. Gómez-Iglesias y J. L. Illanes, *El itinerario jurídico del Opus Dei. Historia y defensa de un carisma*, Eunsa, 1989.

[175] No original: “proselitismo”. Sobre este termo, cfr. nota 83.

[176] AGP, GOL A-00036.

[177] No dia 14 de fevereiro, festeja-se o aniversário do momento em que S. Josemaria entendeu com profundidade que Deus chamava as mulheres (1930) e os sacerdotes (1943) a ser e fazer o Opus Dei.

[178] AGP, GOL A-00477.

[Voltar ao índice](#)

EPÍLOGO

Como anunciámos no princípio deste livro, a última carta que Guadalupe enviou a S. Josemaria tinha data de 22 de junho. Vinte dias antes, tinha sido internada na Clínica da Universidade de Navarra para ser submetida a uma nova e arriscada intervenção cirúrgica. Durante os dias que antecederam a operação, Guadalupe viveu com a entrega alegre do costume essa nova circunstância:

Padre,

Estou a escrever-lhe da Clínica. Estou aqui há vinte e dois dias e no fim do mês, os cardiologistas vão decidir se convém trocar as “válvulas do coração”. Estou tranquila e não tenho medo do que possa acontecer. Durante este ano, até vir para aqui, fiz vida normal como nos anteriores (mas vou ficando cada vez um pouco mais cansada). Continuo a dar aulas na Formação Profissional e nas Ciências Domésticas e moro e sou diretora no centro de Lista.

Acompanhei muito de perto a Catequese do Padre pela América^[179]. Como foi bonito! Rezei constantemente pelo Padre. Nossa Senhora de Guadalupe, que sempre me acompanha, serve-me para me lembrar e a inscrição: “Deus não fez nada igual noutra nação” é muito significativa para mim, ao recordar aquelas terras.

Lembro-me bem de todas as intenções e das que imagino. O Padre ajude-me a portar-me bem naquilo que o Senhor quiser de mim agora.^[180]

No dia 26 de junho, S. Josemaria faleceu repentinamente em Roma. Guadalupe recebeu a notícia com uma grande dor, mas com a paz e a alegria de saber que o Padre já gozava de Deus. Ela própria, poucos dias depois, enfrentaria a sua própria morte com a mesma serenidade. Durante aqueles dias de internamento, procurou sempre tranquilizar as pessoas que a acompanhavam, ao mesmo tempo que, com total confiança, se abandonava nas mãos de Deus. Apesar do resultado da operação do dia 1 de julho ter sido satisfatório, quando estava em recuperação, sofreu uma insuficiência respiratória repentina. Os primeiros raios de sol do dia 16 de julho de 1975 foram testemunhas do último latejar do coração de Guadalupe. Um coração gasto pela doença que, no entanto, nunca deixou de bater por Deus e pelos outros. Ela própria reconhecia que a sua doença era “muito profunda”, não só pela gravidade, mas também porque parecia responder a essa petição que fizera a Deus durante tantos anos: “Dá-me, Senhor, um coração grande”. Deus ajudou-a para que, entre sístole e diástole, o seu amor a Deus e aos outros crescesse dia a dia, até alcançar o destino para o qual sempre se tinha dirigido.

[179] Refere-se à viagem pastoral de S. Josemaria por vários países da América nos primeiros meses de 1975.

[180] Carta datada de 22 de junho de 1975 em Pamplona. AGP, GOL A-00046.

[Voltar ao índice](#)

Sobre

Gabinete de Informação do Opus Dei, 2018

www.opusdei.org

[Consulte a lista completa de ebooks gratuitos](#)